

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

308

Mês: Setembro

Ano: 2025

Preço: R\$ 5,00

Emoção, requinte e tradição marcam a posse do imortal José Roberto Castro Neves na ABL

Tendo como ponto central a celebração da palavra, da memória e da cultura brasileira, o novo ocupante da cadeira número 26 (em substituição ao saudoso Marcos Vilaça) entrou na ABL com alma e sensibilidade, somadas ao compromisso firme com a educação e a cultura. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Editorial

Uma das coisas mais impressionantes das cerimônias de posse dos acadêmicos José Roberto Castro Neves e Míriam Leitão na Academia Brasileira de Letras foi a presença do decano José Sarney, alegre e bem-disposto. Ele foi muito cumprimentado pelos demais imortais. São mais de 30 anos de convívio e isso é mesmo razão para merecer saudações. A ABL é a casa da tradição e isso tem sido resguardado com muito carinho.



Os acadêmicos Arnaldo Niskier e Antonio Carlos Secchin com Ruy Castro, escritor homenageado na Bienal do Livro 2025.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

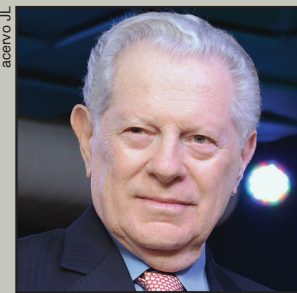
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
 INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião Arnaldo Niskier



Minhas andanças

Com os recursos da inteligência artificial tem sido possível recriar as vozes de artistas famosos, além de locutores que fizeram época, como foi o caso de Cid Moreira, um ícone dos tempos idos da TV Globo. Ele é a principal atração de um maravilhoso projeto de reprodução da Bíblia em 32 línguas.

Agora, com a ajuda da inteligência artificial (IA), foi recriada a voz de Cleber Augusto, ex-membro do grupo Fundo de Quintal. Vitimado por um câncer na garganta, impossibilitado de cantar, lançou o disco *Minhas andanças*, com a ajuda de convidados como Péricles, Seu Jorge, Xande de Pilares e Zeca Pagodinho. O cantor Marmita, por ter um timbre semelhante ao de Cleber, foi quem emprestou sua voz à gravadora para fazer esse trabalho de reconstrução. Houve muita emoção nesse projeto.

Como ele não tem mais voz, isso foi muito importante. A IA tem sido de muito relevo na melhoria da qualidade do ensino. A Secretaria de Educação de São Paulo desenvolveu um trabalho de grande relevo no desenvolvimento de 5 milhões de questões dissertativas por mês.

A vantagem desse processo é que não sobrecarrega os professores. Há 25 anos a internet já era importante. Hoje, a correção de provas no sistema paulista é um primeiro passo. Temos a realidade sofrível do sistema escolar e devemos transformar essa realidade.

A existência do sistema de inteligência artificial está provocando uma grande transformação. É claro que desejamos melhorar – e muito – a qualidade do ensino. A IA pode representar um passo gigantesco em tudo isso e devemos trabalhar nesse sentido em todo o país. Se demos o primeiro passo em São Paulo, novos passos serão dados em outros Estados, mais e menos desenvolvidos.

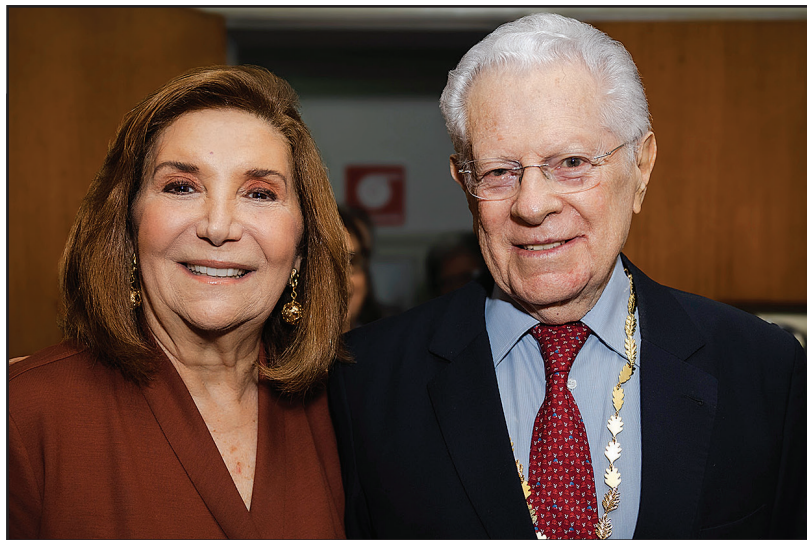
O que está provado é que há um campo de aperfeiçoamento de grande extensão, inclusive para estados nordestinos como o Ceará, que se tem revelado como muito interessado nesse progresso. Sem dúvida, podemos esperar muito dessa nova ferramenta, que se desenvolve no mundo. A verdade é que devemos esperar melhores dias para a educação, graças ao uso da IA.

“Amo a minha vocação, que é escrever. Literatura é uma vocação bela e fraca. O escritor tem amor, mas não tem poder.”

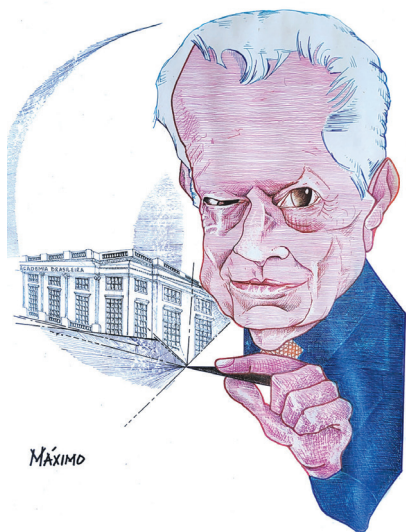
Rubem Alves

Posse de Arnaldo Niskier na ACL

Por Manoela Ferrari



O casal Ruth e Arnaldo Niskier na posse deste na Academia Carioca de Letras.



Aos 90 anos, eleito por unanimidade dos votos, o professor, escritor, jornalista, poeta, dramaturgo e educador Arnaldo Niskier tomou posse na cadeira número 30, na Academia Carioca de Letras, ocupando a vaga deixada com a morte do saudoso acadêmico pernambucano Marcos Vilaça. A concorrida cerimônia de posse aconteceu no dia 6 de agosto, no salão Pedro Calmon do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), lotado com a presença de familiares, amigos e ilustres personalidades, entre elas, os acadêmicos da Academia

Brasileira de Letras (ABL) Antônio Carlos Secchin, vice-presidente da ABL, Ricardo Cavaliere, Godofredo de Oliveira Neto e Carlos Nejar.

A mesa diretora da solenidade foi composta pelo presidente da Academia Carioca de Letras, Sergio Fonta, o vice-presidente Adriano Espínola, o imortal Antônio Carlos Secchin, representando a ABL e o empossado Arnaldo Niskier.

Niskier foi conduzido ao salão de posse por Ana Arruda Callado, Godofredo de Oliveira Neto, Paulo Roberto Pereira e Ricardo Cavaliere. A saudação, a cargo do professor Paulo Alonso, amigo de longa data do novo acadêmico, foi realizada através de uma gravação de vídeo transmitida por telão, devido a restrições médicas que impossibilitaram a presença do reitor da Universidade Santa Úrsula no dia da cerimônia.

O evento contou, ainda, com a participação de inúmeros acadêmicos da ACL, como Luiza Lobo, Alcmeno Bastos, Teresa Cristina Meireles, Juçara Valverde, Maria Amélia Palladino e Ana Arruda Callado, que teve a honra de entregar o diploma acadêmico.

Em seu discurso emocionado, Arnaldo Niskier compartilhou aspectos de sua trajetória pessoal e profissional, enfatizando a importância de sua família, mencionando sua esposa Ruth, com quem vive há 62 anos, as duas filhas – Andréia e Sandra –, o filho Celso, as 6 netas e as 2 bisnetas.

Ao final da cerimônia, Niskier, autor de mais de 100 livros, presenteou os convidados com sua última publicação: *Arnaldo Niskier & Machado de Assis: Diálogos*. A obra reúne textos de quatro



Aos 90 anos, Arnaldo Niskier fala sobre a esperança na Educação e no futuro dos brasileiros em seu aplaudido discurso de posse na ACL.

décadas, entrelaçados a epígrafes de Machado de Assis, traçando um inédito diálogo literário.

O evento foi um verdadeiro tributo ao valor das letras e à educação, celebrando a rica história da Academia e de seus membros.



O empossado Arnaldo Niskier recebe os cumprimentos de Sergio Fonta, Antonio Carlos Secchin e da família presente.

Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● APÓS O SUCESSO DE *CAMÉLIAS EM MIM*, publicado em 2019, a atriz Isis Valverde lançou *Vermelho Rubro* (Grupo Editorial Citadel, 2025). Com prefácio assinado por Nelson Motta, direção criativa de Giovanni Bianco e fotos de Hick Duarte, a obra traz uma coleção de textos poéticos que exploram as complexidades da vida.

● *POLÍTICA EM TEMPOS DE GRANDES MUDANÇAS* é o título do novo livro do ex-governador do ES, Paulo Hartung. Com prefácio do apresentador Luciano Huck, a obra apresenta uma seleção de artigos sobre temas urgentes e estruturais – do enfrentamento da crise climática à modernização do Estado, do desafio fiscal à crise da segurança pública.

● *INFRATURAS: CULTURA E CONTRACULTURA NO BRASIL* (Cobogó) reúne 15 ensaios de Fred Coelho, professor do Departamento de Letras da PUC-Rio.

● COM TEXTO E ILUSTRAÇÕES DE Guilherme Fontes Wahrsager, *O Menino da Floresta* (CDH, 2025) já está à venda on-line e nas principais livrarias.

● ORGANIZADA POR CLAUDIO LEAL, *O Devorador: Zé Celso, vida e arte* (Edições Sesc) traça uma narrativa multifacetada da carreira de José Celso Martinez Corrêa (1937–2023), marcada pela inovação.

● MARILENE FELINTO, VENCEDORA do prêmio Jabuti, lançou seu novo romance: *Corsária* (Fósforo).

● UM PAINEL PESSOAL E HUMANO em vários registros e modalidades de escrita o leitor encontra em *O Livro do meu Pai* (Todavia), lançado por Djaimilia Pereira de Almeida, após a perda do pai.

● EM *AGRESSÃO: A ESCALADA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL* (Globo Livros), a jornalista Ana Paula Araújo faz uma robusta investigação sobre o tema.

● RONALDO VELHO BUENO, jornalista e pesquisador, estreia na cena literária com *Onde os Fatos Não Têm Vez: Umberto Eco e a pós-verdade* (Paco Editoria),

● *JOÃO DO RIO: VIDA, PAIXÃO E OBRA* (Civilização Brasileira), biografia escrita por João Carlos Rodrigues, apresenta a personalidade apaixonante de João do Rio e revive o fascínio da *belle époque* tardia que o país conheceu.

● EM *PARA TODAS AS MULHERES QUE NÃO TÊM CORAGEM* (BestSeller), a jornalista Daniela Arrais traz um relato sincero sobre o fenômeno da impostora e faz um chamado à coragem para que mais mulheres se sintam protagonistas da própria história.

● *PARTES DE MIM: A VIDA COM MINHA MÃE E MEU IRMÃO* (Globo Livros) é a autobiografia de Whoopi Goldberg — uma das vozes mais marcantes do entretenimento mundial.

● AUTOR DO BESTSELLER *SIMPLIFICANDO O AUTISMO*, Thiago Castro traz agora uma obra essencial para a compreensão de particularidades do autismo feminino, da infância ao climatério: *Aspecto Autista Feminino* (Literare Books).

● ESCRITO PELO VENCEDOR DO OSCAR Matthew McConaughey, *Sinal Verde* (Sextante) traz anotações sobre sucessos e fracassos, alegrias e tristezas.

● O PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO e coordenador do Núcleo do Cuidado Humano do Grupo de Estudos de Transdisciplinaridade da Infância e da Juventude (GETIJ/UFRPE), Hugo Monteiro Ferreira mostra, em *A Geração do Quarto* (Record), o resultado de uma pesquisa com milhares de jovens brasileiros, em várias capitais do país.

● EM *COMO CRIAR FILHOS SOCIALMENTE SAUDÁVEIS* (BestSeller), o psicólogo e pesquisador pioneiro Stephen Nowicki reúne décadas de estudos em um manual para o mundo contemporâneo.

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

DELEGAÇÃO CHINESA PARA IGUALDADE ENCONTRA DELEGAÇÃO FRANCESA PARA DIVERSIDADE



● NOVO ROMANCE DE ANDRÉ DE LEONES, *Meu Passado Nazista* apresenta uma radiografia satírica e raivosa do Centro-Oeste brasileiro. O autor goiano, que surgiu na cena literária há quase vinte anos com o premiado *Hoje Está um Dia Morto*, traz agora uma narrativa com linguagem que remete ao Holocausto e à Segunda Guerra Mundial, encerrados há 80 anos.

● *ADEUS, JORNAL!* (FOLHAS DE RELVA), livro de memórias do jornalista Evandro Carlos Olante, narra a vida de um periódico, desde sua fundação aos últimos dias, com o advento da internet.

● *PESADELO TROPICAL* (ABOIO), romance de Marcos Vinícius de Almeida, coloca o Brasil Colônia como um território pós-apocalíptico, onde mercenários, justiceiros e indígenas disputam espaços.

● O ROMANCE *CHILCO*, DE DAMIELA CATRILEO, tem como pano de fundo a América Latina, especulação imobiliária, deslocamento e memória coletiva.

● *VIOLANDE E O ANDANTE*, novo livro de Luiz Henrique Silva, é um épico sertanejo sobre revolução e amor insurgente.

● EM *BZZZ! O LIVRO DAS ONOMATOPEIAS* (Matrix), o escritor Raul Marques e a ilustradora Elma abrem as portas do universo mágico

das palavras que representam sons naturais.

● PREMIADO NA FEIRA DO LIVRO Infantil e Juvenil de Bolonha, *Umami*, escrita e ilustrada por Jacob Grant, foi lançada no Brasil pela Editora Reco-reco.

● COM REFERÊNCIAS QUE VÃO da literatura clássica de Homero ao anti-herói da Marvel, Deadpool, o escritor e humorista português Ricardo Araújo Pereira desmistifica o humor em *Coisa que Não Edifica Nem Destrói* (Tinta-da-China Brasil).

● EM *MEDUSA* (TRAMA), NATALY GRUENDER traça a trajetória da figura mítica com uma proximidade pouco conhecida.

● *AUDRE LORDE: SOBREVIVER É UMA PROMESSA* (Todavia) mostra o legado da poeta e ativista, nessa biografia que foge de lugares comuns, escrita por Alexis Pauline Gumbs.

● EM NOVA EDIÇÃO REVISTA e atualizada pelo autor Paulo Rezzutti, *D. Leopoldina: A história não contada* (Record) desmistifica a visão estereotipada da imperatriz e revela sua real importância na Independência do país.

● CONSIDERADO UM DOS ROMANSES seminais do cânone afro-americano, *Homem Invisível*, de Ralph Ellison, ganhou edição revista e ampliada com texto de orelha assinado por Luiz Mauricio Azevedo e prefácio de Gabriel Trigueiro.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Processo imprecidente

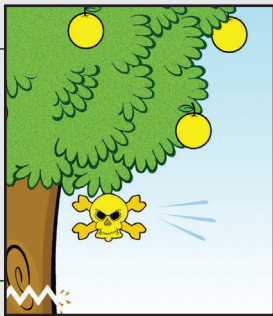
“Leonardo entrou com recurso na Justiça para perpretar seu processo.” Não vai obter êxito na empreitada. O vocábulo “perpretar” não existe. O correto é **perpetrar**, do latim *perpetrare* “fazer inteiramente, levar a cabo”. Verbo transitivo direto. Sinônimos: cometer, praticar, perfazer, realizar.

Frase correta: “Leonardo entrou com recurso na Justiça para perpetrar seu processo.”

Frutos nocivos

“A árvore cujos os frutos são venenosos, foi derrubada.” Árvores devem ser plantadas, nunca derrubadas, mas essa... Nunca use artigo depois do pronome relativo **cujo**. Ele sempre vai concordar em gênero e número com o termo que o sucede.

Frase correta: “A árvore **cujos** frutos são venenosos foi derrubada.”



Maquiagem borrada

“Paola queria saber como a artista se maqueia.” Não tem como saber mesmo! O vocábulo “maqueia” não existe. O correto é **maquiar**, uma vez que o verbo **maquiar** é regular, conjugando-se como o verbo **negociar**, também verbo regular com terminação “**iar**”

Frase correta: “Paola queria saber como a artista se **maquia**.”

Atenção na estrada

“Heloísa hesitou na hora de optar pela rodovia Rio Santos, pois achava que estava muito esburacada.” Prudência sempre é bom! Veja: Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares. Ex.: ponte **Rio-Niterói**, eixo **Rio-São Paulo** etc.

Frase correta: “Heloísa hesitou na hora de optar pela rodovia **Rio-Santos**, pois achava que estava muito esburacada.”

Flores em profusão

“Gilmara adorava o crisântemo, mas preferiu fazer um jardim de madre-silvas.”

Não vai florescer, escrevendo assim! Veja: Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição. Ex.: paraquedas, pontapé etc.

Frase correta: “Gilmara adorava o crisântemo, mas preferiu fazer um jardim de **madressilvas**.”

Carro velho

“Rafael chamou Patrick para ajudar na compra do carro semi-novo.” Dessa forma, não vai conseguir comprar nada! Veja: Não se usa o hífen quando o prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **consoante** diferente de **r** ou **s**. Ex.: **autopeça**, **geopolítica**, **semideus** etc.

Frase correta: “Rafael chamou Patrick para ajudar na compra do carro **semi-novo**.”

Pensando

“Luciana vivia pensando em como seria a vida além mar de Olinda.” Uma questão profunda... Veja: Com os prefixos **ex**, **sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré**, **pró**, usa-se **sempre** o hífen. Ex.: **além-túmulo**, **ex-aluno**, **aquém-mar**, **sem-terra**, **recém-nascido** etc.

Frase correta: “Mariana vivia pensando em como seria a vida **além-mar** de Olinda.”

Anexados

“Segue anexo os documentos solicitados.” Não vão chegar ao destino, escrevendo desse modo. Veja: **anexo** é adjetivo e deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere (**documentos**). Em tempo: muitos gramáticos condenam a locução “em anexo”, portanto, prefira a forma sem preposição.

Frase correta: “Seguem **anexos** os documentos solicitados.”

Reunião cancelada

“Ao invés de fazermos um relatório, discutiremos no encontro com o proprietário.” Não vai fechar negócio, dessa maneira. Veja:

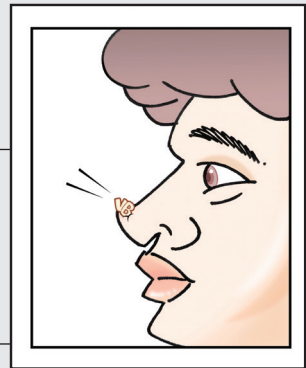
Em vez de utiliza-se como uma **substituição**, já **ao invés de** é utilizado como **oposição**. Ex. Subimos, **ao invés** de descer a escada rolante.

Frase correta: “**Em vez** de fazermos um relatório, discutiremos no encontro com o proprietário.”

Verruga ou berruga?

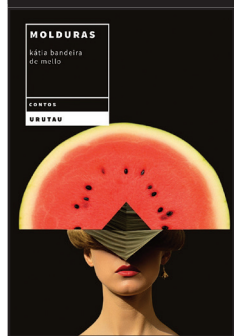
“Mariana pediu ao médico dermatologista para retirar a berruga do rosto.”

Melhor assim! Veja: ambas as formas estão corretas e existem em nossa língua. Porém, o termo **verruga** é mais utilizado.



Molduras, uma imersão no vórtice do insólito

Por Ronaldo Cagiano*



A escrita de Kátia Bandeira de Mello, poeta e ficcionista carioca há mais de duas décadas radicada nos EUA e com passagem pelas artes plásticas em seus trabalhos de ilustração e pintura, vem na contramão do atual panorama da literatura brasileira, que instituiu um certo cânone, no qual a prevalência do contexto sobre o texto e da militância/bandeiras sobre a linguagem, vem impondo seus guetos e suas patotas, quando o autor adquire mais importância que a obra, em sacrifício do valor intrínseco da própria arte.

Em *Molduras* (Ed. Urutau, Lisboa, 2025), volume que enfeixa mais de seis dezenas de contos, a autora aprofunda seu olhar sobre os tristes tempos em todos os trópicos, numa dimensão narrativa em que importam menos a verossimilhança e o enredo e prepondera o espectro surreal. Por meio de um olhar singularíssimo que atravessa as nuances das histórias para ressignificá-las em clave subreptícia, emerge uma metamorfose visceral e um percurso labiríntico, comunicando o mesmo sentimento de Borges, para quem “a literatura é revanche de ordem mental contra o caos do mundo” e “os labirintos são símbolos evidentes da perplexidade”.

Kátia não transita pelo óbvio, pelo lugar-comum ou pela comodidade de histórias que vão desaguar num desfecho previsível, é acima de tudo uma autora que persegue o nonsense e o insólito, fruto de uma consciência criativa de profunda cartografia das vísceras do insondável e dos escaninhos do imponderável, instâncias onde reside um mundo além mundo, o absurdo que constitui a própria condição humana, que, à moda de um Ionesco, ela maneja, com agudíssimos recursos e imensa riqueza plástica.

Na esteira de uma percepção multis sensorial, há uma autora que dialoga não só com seus gurus estéticos, mas segue flertando, ou traçando paralelos com o multifacético campo da criação com seu estilete semiótico. Numa salutar projeção intertextual, sua ficção, análoga à linhagem de sua produção poética, realiza-se em

perfeita simbiose, nutrindo-se de outras categorias artísticas, como o cinema, a pintura, a fotografia, o teatro, a dança, tal sua ambientação por esses territórios, onde o tangível e o onírico se interpenetram numa combinação verbo-imagética, dando vez ou voz ao que parece inaudível, mas surge do esconso universo que nos habita. E nesse diapasão, ao subverter, ou abstrair-se, do excesso de realidade transmutando-a no suprarreal que culmina numa beleza convulsiva à moda de um Breton, a autora apreende um cenário de mundivindências, para muitos inalcançável, mas que se instaura como signo de indignação.

Como assegura a escritora Eltânia André no prefácio dessa obra pungente e heterodoxa, “para se chegar ao umbigo do texto, recomendo o embarque no jogo metalinguístico, pois quase não há acaso, as palavras e acontecimentos interseccionam-se estrategicamente com o intuito de provocar, de romper padrões, de arriscar”. E lê-la, recomenda o crítico e ensaísta Sérgio Guimarães de Sousa, “é penetrar na singularidade de algo verdadeiramente novo”, e isso, sem dúvida, é um alento e um frescor, em meio à requeitada produção ficcional contemporânea, que bafeja o mais (ou seria o menos?) do mesmo.

Autora, dentre outros, de *Colisões Bestiais (Partícula) res* (Ed. Confraria do Vento, Rio, 2013), *Jogos (Ben) ditos e Folias (Malditas)* (Ed. Confraria do Vento, Rio, 2017), *Caderno de Artista* (Ed. Confraria do Vento, Rio, 2022), *A Patafísica do Quadrado – Um romance na rota das galochas* (Ed. Confraria do Vento, Rio, 2022), *Bromélias e Outras Naturezas* (Ed. Gato Bravo, Portugal, 2022), *Experimentações Poéticas sobre Coleridge* (Ed. Húmus, Portugal, 2022) e *Flaco, O Coruja* (Ed. Philos, 2024), Kátia Bandeira de Mello detém uma escrita original e versátil, umbilicalmente renovadora em seus âmbitos formal e temático, sem os cacoetes de vanguardas tardias – como resultado de uma leitura não apriorística do individual ou coletivo – corroborando aquela sensação descrita por Júlio Cortázar “En suma, desde pequeno, mi relación con las palabras, con la escritura, no se diferencia de mi relación con el mundo en general. Yo parezco haber nacido para no aceptar las cosas tal como me son dadas.”

Excerto:

“...Piglia me segura pela mão e leva para um mergulho no diário de Gombrovicz, o que dizem esses homens, qual a distância entre eles, o papel e eu que nada tenho a ver com a realidade deles, eu que vivo a milhares de quilômetros e anos daquela Buenos Aires e me sento para aguardar uma nova guerra cujo fantasma se aproxima, sussurra no íntimo, estamos a saber desta nova guerra que é uma extensão da anteriores, há um parentesco entre elas, fluem tal e qual rios, os exércitos entram em saem das caixas à guisa de fósforos, basta acender a chama e os fósforos marcharão, basta apertar os botões e drones lançarão as bombas e estará tudo acabado, de um povo ao outro, tudo estará acabado.” (Pág. 172)

Pioneirismo na história da ABL

Por Manoela Ferrari



Ana Maria Gonçalves.

Mais de um século após sua fundação no Rio de Janeiro, em 20 de julho de 1897, a Academia Brasileira de Letras (ABL), pela primeira vez, em seus 128 anos de história, elegeu uma mulher negra. A escritora mineira Ana Maria Gonçalves, autora do best-seller *Um Defeito de Cor*, aos 54 anos, passou a ocupar a cadeira 33, que antes pertencia ao gramático, professor e filólogo Evanildo Bechara, que morreu em 22 de maio. Ela é a 13ª mulher a ser eleita, a quinta do quadro atual de acadêmicos.

Publicitária, escritora, roteirista e dramaturga, ao ser eleita com 30 dos 31 votos possíveis, Ana Maria declarou: “Entrar para a ABL é um acalanto na menininha leitora que eu fui e que ouviu que, na biblioteca pública do interior de Minas Gerais, já não havia mais livros para ela ler. Minha eleição representa a entrada de muitas outras pessoas que, como eu, não se viam nesse lugar. É um gesto simbólico, mas também transformador.”

A também imortal Lilia Schwarcz, historiadora e escritora, reforça o simbolismo dessa eleição: “Uma mulher negra que abre caminhos, autora de um livro que desfilou na Sapucaí, um dos livros mais importantes dos últimos 25 anos. Ela pensa o passado, interfere no presente e faz toda diferença no futuro. Ana Maria nos representa nesse Brasil que se quer, e precisa ser, mais plural, inclusivo e democrático.”

O colega de fardão Gilberto Gil também celebrou a chegada de uma mulher negra à Casa de Machado: “Isso representa que estamos vivos, ativos, nesse contexto variado de diversidades muitas e de todos os tipos: étnicas, culturais, religiosas etc.”, afirmou.

A acadêmica Rosiska Darcy também festejou o que considera “um aperfeiçoamento da democracia”: “Trata-se de uma eleição histórica, não só porque ela é uma excelente escritora, mas também é uma mulher, e uma mulher negra. Esta é a primeira vez que a ABL elege uma mulher negra. Entramos numa fase de maior completude, e vamos cada vez mais nos aproximando do que é de fato a cultura brasileira.”

Mineira de Ibiá, Ana Maria Gonçalves nasceu em 1970. Começou a escrever contos e poemas desde a adolescência, sem chegar a publicar. A paixão pela leitura nasceu durante a infância, quando lia jornais, revistas e livros.

Após 15 anos de atuação como publicitária em São Paulo, abandonou a profissão em 2002, indo morar na Ilha de Itaparica, na Bahia, para escrever o primeiro livro: *Ao Lado e à Margem do que*

Sentes por Mim. Editado de forma independente, a obra esgotou seus exemplares por meio de divulgação na internet.

Depois da estreia, trabalhou cinco anos em *Um Defeito de Cor*, considerado um clássico contemporâneo. Foram dois anos na pesquisa, um na escrita e dois na reescrita desta saga de 951 páginas. Sucesso literário, a obra venceu o prêmio Casa de Las Américas (Cuba, 2007) e foi eleita por críticos convidados pelo jornal *Folha de São Paulo* como o livro mais importante do século XXI.

Um dos mais longos romances da literatura nacional, conta a trajetória de uma menina nascida no Reino do Daomé e capturada como escrava aos 8 anos, até a sua volta à terra natal. O livro, multipremiado, inspirou o enredo da Portela para o Carnaval 2024. A personagem principal é inspirada em Luísa Mahin, uma das lideranças da Revolta dos Malês, rebelião de escravos organizada na Bahia em 1835. Mahin também foi mãe do advogado Luiz Gama, um dos mais relevantes intelectuais negros do movimento abolicionista.

“*Um Defeito de Cor* é a história da luta preta no Brasil incorporada em uma mulher que enfrentou os maiores desafios imagináveis pra continuar viva e preservar suas heranças e raízes. A história de uma mãe, heroína, filha de África, que pariu a liberdade dessa nação”, explicou a autora.

Para o presidente da ABL, Merval Pereira, Ana Maria Gonçalves é uma das maiores escritoras brasileira dos últimos anos: “Ana Maria terá a função de demonstrar que a ABL está

sempre querendo aumentar sua representatividade de sexo, cor, e qualquer tipo que represente a cultura brasileira. Queremos ser reconhecidos como uma instituição cultural que represente o Brasil, a diversidade brasileira. Ela aumenta nossa vontade de estar sempre presente nos movimentos sociais relevantes.”

A bibliografia de Ana Maria possui um caráter intimista e autobiográfico, resultado de pesquisas robustas sobre as heranças africanas no Brasil.

Já publicou contos em Portugal, Itália e nos EUA, onde também morou por oito anos e ministrou cursos e palestras sobre questões raciais. Foi escritora residente em universidades como Tulane (New Orleans, LO), Stanford (Palo Alto, CA) e Middlebury (Middlebury, Vermont).

Ana Maria também é dramaturga e roteirista de peças como *Tchau, Querida!* (2016), *Chão de Pequenos* (2017) e *Pretoperitamar – O caminho que vai dar aqui* (2019), esta última em parceria com a atriz Grace Passô, que aborda a trajetória do artista negro Itamar Assumpção.

Atualmente residente do Rio de Janeiro, roteirista (Rio Vermelho) e professora de escrita criativa, a acadêmica é cocuradora da exposição *Um Defeito de Cor* (MAR – Museu de Arte do Rio de Janeiro; MUNCAB – Salvador e SESC Pinheiros – SP), eleita como a melhor exposição de 2022.



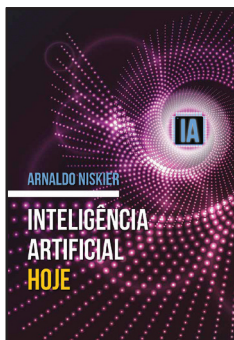
Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



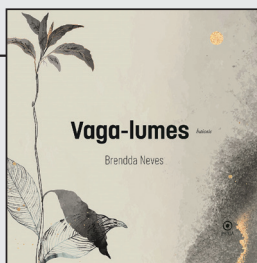
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL HOJE



Inteligência Artificial Hoje (Ed. Consultor, 2025) é uma coletânea de 100 artigos do acadêmico Arnaldo Niskier, escritos entre 2023 e 2025, sendo um de 2017, originalmente publicados em jornais como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Correio Braziliense* e *Correio da Manhã*. Neles, Niskier investiga a ascensão dessa nova e revolucionária forma de tecnologia e seu impacto nos costumes, valores, ideais e crenças da sociedade do século XXI, com especial atenção à realidade brasileira. Dividida em quatro partes, a obra cumpre a dupla função de introduzir o tema a leitores leigos e de propor, igualmente, aos mais experientes uma reflexão sobre os avanços da tecnologia na educação, entre outros. No prefácio, o professor Celso Niskier, reitor da Unicarioca, afirma que o livro é um exercício de esperança: “Esperança de que a tecnologia, quando guiada por princípios éticos e educacionais, possa ser um poderoso instrumento de inclusão e desenvolvimento.” Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1984, Arnaldo Niskier é autor de mais de cem livros. Professor aposentado de História e Filosofia da Educação da UERJ, é Doutor em Educação pela UERJ, Professor Emérito da Universidade Cândido Mendes, Doutor Honoris Causa da Unicarioca, da UNIRIO, da UNAMA e da Universidade Santa Úrsula, entre outros títulos.

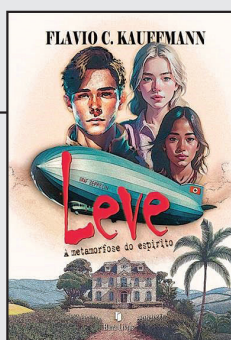
VAGA-LUMES

Vaga-lumes (Ed. Patuá, 2025), da escritora Brendda Neves, é feito haicais que guardam dentro de si pedaços de tempo, infância, silêncio, cheiros, sons e cores que a memória insiste em reter quando tudo parece desbotar. Como pequenas luzes que piscam na escuridão, os haicais desse livro capturam a brevidade da vida e a fragilidade do instante. Com versos mínimos e precisos, a obra é um convite para perceber a vastidão do efêmero e encontrar poesia na transitoriedade. A escolha das imagens, muitas vezes austera, evoca solidão e contemplação, transformando cada poema em um espelho silencioso da condição humana. Entre as palavras, o silêncio se faz presente, convidando à pausa e à reflexão diante do inevitável. Brendda Neves é poeta, escritora e jornalista capixaba. Membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e Coletivo Diversidade Literária. Autora de *Poeta no Divã*, *Folheando* (2023) e *Versos Inversos, Clube de Autores* (2020). Coautora, entre outras obras, de *Antologia Concurso Literário Estadual Paulo Gustavo*, org. Academia Cariaciquense de Letras (2024); *Antologia 2º Concurso Literário Estadual*, org. Academia Cariaciquense de Letras (2023); *Antologias Escritos de Vitória e Memórias Capixabas* (2022/2023) org. Academia Espírito-santense de Letras; *Antologia 1º Concurso Literário de Viana* (2020); *Antologia AJEL*, org. Marcelo Netto (2008); *Jovens Escritores Capixabas*, org. Leonardo Monjardim (2002).



LEVE – A METAMORFOSE DO ESPÍRITO

Leve – A metamorfose do espírito (Ed. Barra livros, 2025), segundo livro do empresário Flávio Kauffmann, é um romance sobre o peso da memória, os silêncios da história e a estranha eternidade das coisas inacabadas. Com uma linguagem firme do início ao fim, sem perder as rédeas da narrativa, a obra conta a história de um jovem alemão que chega ao Brasil em 1962 para assumir uma fazenda esquecida no interior do Vale da Paraíba. Trata-se de uma fábula tropical e filosófica, onde o real se dissolve e o destino se anuncia com elegância, num enredo que atravessa fronteiras entre Europa e América, passado e presente, razão e delírio, numa trama consistente e muito bem elaborada. Na orelha, um breve resumo sobre o autor adianta a atmosfera que o leitor encontrará nas 146 páginas de puro entretenimento: “Criador de mundos onde dirigíveis cruzam céus filosóficos, fazendas guardam segredos coloniais e aviadores seduzem tanto com palavras quanto com vinho branco gelado, Flávio Kauffmann é o aristocrata da imaginação e o estrategista das ideias. Escreve como se cada parágrafo fosse um dueto entre Nabokov e Simmel, com pitadas de Kant, aromas de *bouef bourguignon* e trilha sonora de Cole Porter.”



OS ELEFANTES VIRIAM PELA MANHÃ

Os Elefantes Viriam pela Manhã (Ed. Autêntica) reúne treze con-

tos inspirados em Dalton Trevisan, revelando o enorme legado da sua obra na história da literatura do Brasil. No ano do centenário do ilustre autor curitibano (1925-2024), o acadêmico mineiro Rogério Faria Tavares reuniu um elenco de 13 dos principais autores brasileiros contemporâneos para prestar homenagem ao “vampiro de Curitiba”: Noemi Jaffe, Adelaide Ivánova, Luís Henrique Pellanda, Verônica Stigger, Marcelino Freire, Cristhiano Aguiar, Ana Elisa Ribeiro, Luci Collin, João Anzanello Carrascoza, Rogerio Pereira, Mateus Baldi, Carlos Marcelo e Caetano W. Galindo. O time coloca Dalton para “viajar” pelo Brasil, seja por uma espe-lunca em Campina Grande ou pela cena literária de Belo Horizonte, ou mesmo em sua Curitiba natal, que parece indecisa entre seu passado provinciano e seus sonhos de modernidade. O “vampiro” está em todo lugar, com seus caninos afiados, para colecionar os traumas, as obsessões e as taras de uma sociedade insone e desigual. Em cerca de 80 anos de vida literária, Trevisan publicou mais de 50 livros. Na orelha, a crítica Eliane Robert Moraes afirma: “Dalton Trevisan tem realmente o tamanho do mundo – e não é por outra razão que seu legado permanece para sempre vivo”.



MARIPOSA NOTURNA EM VERANEIO DE MAIO

Mariposa Noturna em Veranico de Maio (Ed. Pedregulho, 2024) reúne 13 contos de Anaximandro Amorim, que comemora 30 anos de carreira literária, com uma narrativa firme, os textos trazem temas quase sempre mantidos à sombra da sociedade. Todos possuem esse liame comum: tudo que é “fora do padrão social”. As histórias primam pela atualidade, com personagens frágeis e marginalizados, tais como garotos andróginos, amantes, meninos franzinos, adúlteros, suicidas, matadores, prisioneiros. Todo um cartel carregado de dores e paixões. Verdadeiro retrato do nosso contemporâneo, a obra encara questões sensíveis, como homofobia, transfobia, gordofobia, ageísmo e outros temas, usando vários recursos literários e até algumas experimentações, sem cair na “panfletagem”. Anaximandro Amorim (1978) é capixaba de Vila Velha, radicado na capital do seu estado. Advogado, professor e escritor. Formado em Letras Português-Francês pela Ufes e Mestre em Estudos Literários pela mesma instituição. Membro da Academia Espírito-santense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia de Letras de Vila Velha, além de outras instituições culturais. Autor de artigos acadêmicos e textos literários em revistas e antologias, *Mariposa Noturna em Veranico de Maio* é o seu 11º livro autoral e o seu segundo publicado pela Editora Pedregulho.



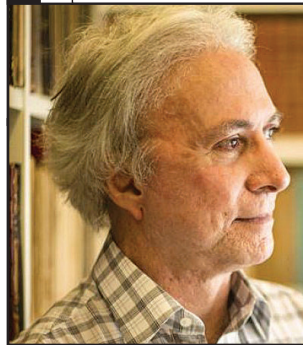
MEMORIAL POÉTICO DOS ANOS DE CHUMBO: UMA ANTOLOGIA

Memorial Poético dos Anos de Chumbo: Uma Antologia (Editora Zouk) traz 200 poemas escritos por 90 poetas diferentes durante a vigência oficial da ditadura militar no Brasil, no período entre 1964 e 1985. Com uma equipe formada por mais de 20 pesquisadores de todas as regiões brasileiras, o projeto teve como objetivo refletir sobre o lugar da poesia na construção da memória cultural brasileira daquela época. A seleção de poemas priorizou três eixos temáticos: Repressão, Resistência e Cotidiano. A iniciativa surgiu a partir do interesse compartilhado pelos professores em relação ao tema. Com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes), a publicação é coordenada pelos professores Marcelo Ferraz, da Universidade Federal de Goiás (UFG); Nelson Martinelli Filho, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes); e Wilberth Salgueiro, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Com 412 páginas, o livro reúne nomes consagrados da literatura nacional – como João Cabral de Melo Neto, Hilda Hilst, Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant’Anna, Murilo Mendes, Augusto de Campos – ao lado de poetas de reconhecimento regional. Entre os capixabas selecionados estão Paulo Roberto Sodrê, Maciel de Aguiar e Waldo Motta.

MEMORIAL POÉTICO DOS ANOS DE CHUMBO uma antologia

Marcelo Ferraz
Nelson Martinelli Filho
Wilberth Salgueiro [eds.]



J Entrevistatransmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.**ANTONIO CARLOS SECCHIN****Avatar Machado**

Arnaldo Niskier: Hoje, com muito prazer, estamos entrevistando o secretário geral da Academia Brasileira de Letras, acadêmico Antonio Carlos Secchin. Um momento bonito da história da Academia, em que os jornais estão dando muita ênfase à presença do Machado de Assis na nossa vida, novamente, graças ao avatar que foi produzido pela ABL. Como é que você vê isso, como acadêmico?

Antonio Carlos Secchin: Primeiro, devo registrar a minha satisfação de estar aqui neste programa. Pela terceira vez. Sempre respondendo aos seus amáveis convites e mais satisfeito ainda por ter a possibilidade de comentar o que representa não só o Machado de Assis em si, como memória passada, mas o Machado atual presente através desse avatar. E indagado por um jornalista, me permiti fazer um jogo de palavras dizendo que o bom pai à casa torna. Então, já que ele é o pai de todos né, ele tem...

Arnaldo Niskier: Foi o primeiro presidente da Academia.

Antonio Carlos Secchin: Presidente enquanto viveu e faltando duas ou três sessões apenas ao longo desse período todo. Muito presente, muito atuante e, com certeza, ele está feliz de poder reingressar, mais de um século depois da sua extinção física, graças ao avanço da tecnologia.

Arnaldo Niskier: Como é que você vê a inteligência artificial na casa da tradição, que é a casa de Machado de Assis?

Antonio Carlos Secchin: Muito interessante, porque isso de alguma forma atenua aquela versão de que só temos compromisso com o passado. Eu diria que nós não fazemos um museu do futuro...

Arnaldo Niskier: E com o chá. Maldosos dizem que só tem chazinho.

Antonio Carlos Secchin: E o chá, para aqueles que porventura não saibam disso, é simplesmente um momento de distensão preparatório para as sessões semanais que temos, às quintas. Antecede a sessão e já ultrapassamos o número de 5000 sessões desde a fundação, é um número fantástico. Tudo isso registrado em atas, com discussões de temas internos, mas também de temas externos, temas da cultura brasileira, temas da política cultural do mundo, da relação do Brasil com o mundo. E sobre a inteligência artificial, que assusta muita gente, primeiro, devo dizer que eu não sou um especialista da tecnologia, mas a priori sou a favor de tudo

o que facilite a jornada do homem na terra. E entre essa facilitação, sem dúvida, o potencial de informações que a inteligência artificial traz é algo que não pode ser desprezado.

Arnaldo Niskier: Você foi, durante muitos anos, professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor titular, eu diria, na antiga nomenclatura, catedrático. Você acha que, se dominasse a ferramenta (chama-se assim a inteligência artificial, é uma ferramenta que une hardware e software), nos tempos em que você lecionou na UFRJ, isso modificaria a maneira de lecionar?

Antonio Carlos Secchin: Essa é uma experiência que não tenho. Fui ou sou um professor da idade da pedra e do giz. Quando eu estava me aposentando, tem mais de dez anos, era o início da revolução tecnológica do celular, que tem internet. Naquela época, o telefone era só para ligar, não era para ver outra coisa, quando eu me aposentei, em 2011, por aí. Atualmente, alguns professores se queixam de que eles têm um rival muito grande em sala de aula, que é o celular com a internet que se abre para o mundo inteiro.

Arnaldo Niskier: Você viu que aqui, no Rio de Janeiro, o secretário de Educação do Estado proibiu a presença da internet nas salas de aula? Você não acha essa medida um pouco extrema demais?

Antonio Carlos Secchin: Acho extrema. Agora, por outro lado, não há como fazer um filtro. Por exemplo, se o professor vai dar um tema de pesquisa, como aferir se os alunos estão ali. Ou estão difusamente numa sala de bate papo querendo conseguir um namorado ou namorada. Então, é muito difícil e você não pode autoritariamente ficar controlando cada celular de cada aluno. Devo dizer a você, qualquer modéstia colocada de lado, que eu confiava muito no discurso. Achava que poderia interessar os alunos simplesmente pelas questões que eram levantadas na análise do texto, sem precisar desse recurso externo.

Arnaldo Niskier: E é muito interessante o que você está falando, como tudo que você fala, porque hoje, no jornal *O Globo*, há uma entrevista do Bolívar Torres com o avatar do Machado de Assis. E ele diz, nessa entrevista, que o fundamental, no exemplo do Machado de Assis, é o cuidado que ele tem com a educação e o conhecimento. Você concorda com isso?

Antonio Carlos Secchin: Acho que o

Machado foi muito feliz nessa entrevista. Se tivesse sido dada na época dele, há tempos, seria algo semelhante, adaptadas às condições socioeconômicas e culturais da época. Foi tudo muito pertinente, muito bem equilibrado. Alguns reclamaram que o avatar devia ser gago. A empresa fez bem e não houve críticas à aparência de Machado. Mas outros reclamaram que ele estava com sotaque paulista e por aí, nunca se satisfaz todo mundo. Se fosse desejar que tivesse, não sei se a tecnologia conseguiria fazer isso, seria dar um certo sorriso malicioso de Machado. E correlato ao sorriso, gostaria que as respostas contivessem um pouco de ironia, humor e talvez seja a ironia e o humor aquilo que diferencia o ser humano da inteligência artificial.

Arnaldo Niskier: Como membro atuante da diretoria da Academia, você teve uma participação bastante sugestiva na escolha dos temas das pessoas que vão falar às terças-feiras, às 16 horas, aqui na sede da Academia Brasileira de Letras. Como é feita essa escolha?

Antonio Carlos Secchin: Obrigado por dar oportunidade de esclarecer isso para todos os nossos espectadores. Inicialmente eu reitero o que você disse, convido a todos para comparecer à Academia Brasileira de Letras, todas as terças-feiras do ano, a partir do dia 12 de março até o dia 15 ou 12 de dezembro, se não me engano, porque certamente encontrará aqui um tema e um palestrante, ambos de alto nível. Essas palestras são gratuitas, tem acesso gratuito e são transmitidas ao vivo pelo YouTube da Academia e pelo site da própria Academia. Então, a pessoa pode comparecer, que é o ideal, quem mora no Rio, pode assistir pelo YouTube, pelo site da Academia e ainda se dar ao luxo, se estiver ocupado no horário, de depois de pesquisar no YouTube e, tardiamente, acompanhar. Esses temas são discutidos no âmbito da diretoria. Temos dez ciclos por ano, de março a dezembro, cada ciclo ocupando um mês. Então há meses com quatro palestras, meses com quatro terças-feiras, e alguns meses com cinco. Dependendo do calendário. Em dezembro, temos duas a menos, porque nós encerramos antes do Natal.

Arnaldo Niskier: Prejuízo para o último curso, que é o de poesia. E você gosta tanto de poesia e é um poeta também.

Antonio Carlos Secchin: Tem que fazer um equilíbrio mágico, porque os temas são infinitos. Os palestrantes de qualidade também são numerosos.

Arnaldo Niskier: Mas são só membros da Academia?

Antonio Carlos Secchin: Não. Antigamente havia um preceito de que todo ciclo necessariamente teria de ter um palestrante que fosse acadêmico. É interessante a proposta pela visibilidade, mas temos que ter a modéstia de saber que pode ser que um certo tema não seja da especialidade de um determinado acadêmico.

Arnaldo Niskier: Quer que eu dê um exemplo? O problema dos cantores. Quando você vai pegar um Tom Jobim, por

exemplo, tem acadêmicos que eram íntimos do Tom Jobim, não necessariamente alguém de fora.

Antonio Carlos Secchin: Havendo possibilidade, sempre um acadêmico é cogitado em primeiro lugar. Agora pode haver temas em que não haja um acadêmico específico, como pode haver outros temas em que mais de um acadêmico é capacitado. Então, há muita flexibilidade quanto à composição.

Arnaldo Niskier: Mas eu tenho uma pergunta, a meu ver, relevante para lhe fazer. Por que não se permite um debate nesse ciclo cultural da Academia?

Antonio Carlos Secchin: Ótima pergunta. Então você tem toda a razão, quando informa ao público que, uma vez encerrada a palestra, vão todos para casa e satisfeitos com o que aprenderam, o que ouviram, mas sem poder ter uma interlocução. A razão é a experiência. Há muitos anos, creio que no período ainda no nosso querido e saudoso Ivan Junqueira, a tônica era permitir que, após a palestra, houvesse perguntas do público. E o que acontecia? O famoso discurso paralelo. Um levantava o dedo e repetia o que o conferencista havia dito. Poderia ter pior, alguém levantar e dizer que achou horrível, que era contra tudo que foi falado. E outros que, em vez de formular uma pergunta, ficavam dez minutos dando uma aula sobre o assunto. E temos aqui, infelizmente, protocolos de segurança, de horário. Então, para evitar esse problema, a sugestão que sempre dou é informar ao distinto público, não só o presencial, mas o da internet, que mandem as suas questões para o site da Academia e encaminharemos para o palestrante. Então o espectador, presente aqui ou na internet, manda a sua pergunta.

Arnaldo Niskier: Quer dizer, ele não tem tolhida essa liberdade de se expressar.

Antonio Carlos Secchin: Não tem, apenas não participa pelos limites de tempo que temos. Outra hipótese que também cogitamos era que, para o público presencial (isso ainda não implementamos), houvesse a possibilidade de escrever a pergunta. Essas perguntas seriam encaminhadas ao coordenador da mesa, que discretamente faria o filtro, escolhendo as melhores, eliminando as redundantes, eliminando as agressivas e colocando de fato perguntas pertinentes ao que fosse feito na hora. Isso atende à demanda do público presencial. Mas eu creio que essa possibilidade de mandar pela internet atende também a quem não pode estar presente lá.

Arnaldo Niskier: Acho que aí você responde, porque de vez em quando somos atropelados por um comentário desses: “Eu tinha uma pergunta para fazer e não me permitiram”.

Antonio Carlos Secchin: Alguns não se contém, fazem a pergunta mesmo sem poder, sem permissão.

Arnaldo Niskier: Já tenho 40 anos de Academia e me lembro das perguntas conferência. O sujeito ia fazer uma pergunta, mas fazia uma conferência paralela e é desagra-

dável. Quando vai para assistir a uma palestra do Antônio Carlos Secchin, não quer ouvir alguém do auditório fazer uma outra palestra em paralelo, não tem cabimento. Você tem a responsabilidade de colaborar com o acadêmico nomeado pelo presidente, que é bastante rigoroso em relação a isso. Queria saber como é feita essa escolha, porque a cultura do nosso país é tão vasta, tão polifacetada que fico impressionado como se chega a essa escolha de uma maneira tranquila. Como é que isso se faz?

Antonio Carlos Secchin: Sabemos que a Academia é uma casa de literatura, mas é uma casa de cultura, no seu sentido mais amplo. E seria ruim, de um lado, a Academia esquecer o seu compromisso com a literatura. Mas também seria ruim, de outro lado, esquecer que deve ser mais abrangente em termos de temas culturais e não apenas literários. Daí essa programação tentar contemplar essas duas faces. Por exemplo, o primeiro ciclo, agora de março, “Mitos da música popular brasileira” tem até um vínculo com a literatura através das letras, mas é algo que, digamos, ultrapassa o âmbito do livro ou da literatura. O segundo já é mais restrito à literatura porque é “A poesia na Academia”, no ciclo de abril. Em maio, temos “Deus, deuses”, que já dialoga com antropologia. Você vai ver a noção de Deus, um curso até que pode retomar em outro ano, porque há muitas configurações da figura divina. Então trabalharemos com quatro delas nesse ano. Em junho, um curso que é, ao mesmo tempo, de literatura e fora da literatura, que é “Machado e a questão racial”, quando é Machado, é pura literatura, quando é a questão racial, entra um tema de identitarismo, temas culturais, temas de representatividade.

Arnaldo Niskier: Discussão se o Machado era ou não era mulato, porque até hoje isso subsiste.

Antonio Carlos Secchin: Cada época descreve o Machado que ela quer ver. Machado é descrito, segundo o interesse hegemônico e ideológico de determinado período. Não vamos esquecer que a época de Machado, na sua certidão, no seu atestado de óbito, consta a cor branca. E Joaquim Nabuco dizia que Machado era um grego. Então você vê como certas noções que, na época, eram tidas como valorizadoras de Machado, hoje em dia seriam criticadas como o racismo, querendo embranquecer a todo custo alguém como a nítida ascendência afro. Isso acontece com grandes escritores que são apropriados por determinados grupos e eles vão se transformando com isso. Em julho, um curso eclético chamado “Pensar”, em pensar você pode botar política, pode botar saúde, pode botar natureza, pode botar justiça.

Arnaldo Niskier: Dê um exemplo de quem vai falar nesse “Pensar”.

Antonio Carlos Secchin: Por exemplo, pensar a saúde, Margareth Dalcomo.

Arnaldo Niskier: Que é formidável.

Antonio Carlos Secchin: Pensar a justiça, Luiz Roberto Barroso, presidente do Supremo; Pensar a natureza, Ailton Krenak,

o nosso confrade. Então, são nomes assim expoentes em cada uma dessas áreas. Agosto, “Cadeira 41”, que é o resgate de escritores que por alguma razão não puderam ou não quiseram entrar. Somos muito criticados injustamente por não termos eleito escritores que nunca quiseram entrar para a Academia, como Drummond, Êrico Veríssimo e outros. Não esquecemos também que, além do compromisso com a literatura e a cultura, temos compromisso com a língua portuguesa. Então, em outubro, Ricardo Cavaliere vai coordenar o curso “Temas em Língua e Literatura”. Finalmente, fechando o ano, aquele ciclo menor de dezembro, é a homenagem que a Academia presta a si mesma, chamada “Memórias Acadêmicas”, Memórias da Academia, fatos, nomes, instituições...

Arnaldo Niskier: Quem vai falar nesse ciclo?

Antonio Carlos Secchin: É o coordenador, Arno Wehling, que é um grande historiador, coordena e fala. Ele vai falar sobre a questão da tensão da Academia entre os helenos, a tradição grega clássica e a modernidade. Trabalhamos em várias frentes. E convidamos o público em geral a aproveitar as iguarias que o nosso banquete cultural oferece de graça para todos. Totalmente gratuito e ainda dá certificado.

Arnaldo Niskier: A Academia está vivendo um tempo muito bonito. Alguém me falava, antes de começarmos a gravação, que é um tempo glorioso da Academia, porque ela está no noticiário. Os jornais importantes, como *O Globo*, o *Correio Braziliense*, a *Folha de São Paulo*, a todo momento estão dando alguma coisa sobre a Academia. Essa história da inteligência artificial que a Academia abraçou está nos jornais quase que diariamente.

Antonio Carlos Secchin: Na primeira página do Segundo Caderno. Você imagina, para uma criança ou um estudante do ensino médio, primeiro nível, a alegria de poder dizer: “Eu conversei com Machado de Assis.” Então deixa de ser apenas aquela referência livresca perdida no século XIX para o XX e assume a dimensão viva da cultura de hoje.

Arnaldo Niskier: E para conversar com Machado de Assis, tem que telefonar para ele?

Antonio Carlos Secchin: Não, é só apertar um botãozinho e encarar. Ele responde qualquer pergunta, mesmo as mais ardilosas, apenas como eu comentei, eu sinto falta da ironia machadiana. A ironia, como eu disse, nenhuma máquina consegue produzir.

Arnaldo Niskier: Ainda não criaram essa máquina.

Antonio Carlos Secchin: A ironia nem o humor. São as marcas que nos distinguem fundamentalmente de qualquer inteligência artificial.

Arnaldo Niskier: Quem sabe numa próxima versão venha até com ironia.

Antonio Carlos Secchin: Tomara, eu estou esperando.

Emoção, requinte e tradição marcam a posse do imortal José Roberto Castro Neves na ABL

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



José Roberto Castro Neves e o diploma de posse na ABL, com Antônio Carlos Secchin (ao fundo) e Paulo Niemeyer, ao lado.

Emoção, requinte e tradição deram o tom da noite de posse do imortal José Roberto Castro Neves, que marcou a história da Casa de Machado com uma das cerimônias mais bonitas já vistas até hoje.

Os convidados foram surpreendidos com a cenografia deslumbrante preparada pelo decorador Antonio Neves da Rocha, que transformou a parte externa do Petit Trianon numa monumental biblioteca, com centenas de títulos empilhados do chão até o teto, numa verdadeira celebração à leitura. Dois telões permitiram que todos pudessem acompanhar o ritual de posse, ouvindo a fala emocionante dos discursos.



A cenografia deslumbrante criada no exterior do Petit Trianon para a posse de José Roberto Castro Neves, assinada pelo craque Antonio Neves da Rocha.



A comissão de entrada, formada pelas Acadêmicas Rosiska Darcy de Oliveira e Fernanda Montenegro, além do acadêmico Geraldo Carneiro, ao fundo.

A solenidade contou com os tradicionais ritos da casa. O discurso de recepção ao novo acadêmico foi feito pelo advogado Joaquim Falcão; a espada foi entregue pelo decano da ABL, José Sarney; o colar, por Antonio Carlos Secchin; e o diploma, por Paulo Niemeyer. A comissão de entrada foi formada pelas Acadêmicas Rosiska Darcy de Oliveira e Fernanda Montenegro, além do acadêmico Geraldo Carneiro. Já a comissão de saída contou com Domício Proença Filho, Antônio Torres e Arno Wehling. Pela primeira vez, deu-se lugar a candidatos eleitos mas ainda não empossados na Academia: os escritores Paulo Henriques Brito e Ana Maria Gonçalves participaram tanto da foto oficial quanto sentaram no salão nobre.



Os acadêmicos no Salão Nobre do Petit Trianon.



A mesa da cerimônia de posse de Castro Neves foi composta pelo presidente Merval Pereira e os acadêmicos Antônio Torres, Antonio Carlos Secchin, Geraldo Carneiro e Paulo Niemeyer, que receberam o prefeito do Rio, Eduardo Paes.



Os acadêmicos Fernanda Montenegro e José Sarney, observados pelo novo imortal Castro Neves.

Tendo como ponto central a celebração da palavra, da memória e da cultura brasileira, o novo ocupante da cadeira número 26 (em substituição ao saudoso Marcos Vilaça) entrou na ABL com alma e sensibilidade, somadas ao compromisso firme com



a educação e a cultura. Com o amor declarado pelos livros, o acadêmico abriu seu coração num discurso emocionante, com um tributo à leitura como força essencial na sua formação: “Nasci numa família que cultivava a leitura e gostava de discutir o que lia. Desde criança, jamais consegui respirar sem ter livros por perto. Com eles, encarei desafios, mitiguei dores, compartilhei alegrias. Cedo percebi: a literatura é a verdadeira alquimia. Transforma tinta no papel em ideias, sentimentos, alimento para a alma e motor para novas descobertas. Para mim, os livros funcionaram como uma droga lícita. Um “dopping” do bem. A literatura coloriu meu caminho. Desde garoto, meus ídolos vinham das letras. Se o acadêmico Paulo Niemeyer abrir docemente minha cabeça, encontrará, nos lobos cerebrais, um mar de letras, romances enredando do Padre Bernardes ao *Kama Sutra*, de Camões a Asterix. Como definiu o imortal Geraldo Carneiro: ‘Ler é a arte de viver por empréstimo.’ Fui menino de rua com *Os Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e tornei-me um religioso ortodoxo com Isaac Bashevis Singer. Pelas letras, já morei na Rússia, em São Tomé e Príncipe e na Terra Média. Visitei Macondo e Lilipute. Fui embora para Pasárgada e voltei para Ítaca. Cruzei o sertão (do tamanho do mundo) e os mares atrás de um enorme cachalote branco. Ao longo da vida, tudo o que fiz se deu, acima de tudo, pelos livros. Estar aqui, assumindo uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, se deve ao que recebi dos livros.”

Dividido em três conceitos jurídicos: obrigação, tradição e responsabilidade, se tivesse que dizer apenas uma palavra, o discurso do imortal se resumiria em *obrigado*: “Obrigado – uma palavra magnífica.” E explicou: “A etimologia vem de *Obligatus*: ‘atado ao redor, ligado, preso.’ Quando alguém diz: ‘obrigado’, significa que se sente ‘agrilhoado’. O mais importante dos Livros do Código Civil é o das Obrigações, nas quais se estudam as relações de crédito e débito. Meu coração encontra-se assim: atado. Em débito. O motivo: gratidão. Gratidão, em primeiro lugar, aos ilustres acadêmicos por admitirem meu ingresso nesta Casa histórica”, agradeceu emocionado.

Em sua fala, Castro Neves alertou ainda para os baixos índices de leitura no Brasil e lamentou a lógica “utilitarista” do mundo atual, que seria apegada “aos ganhos econômicos, que desconsidera outras formas de bem-estar, como a solidariedade, a filantropia, a educação humanística”. Ele associou o empobrecimento do debate público à falta de cultura e de acesso à literatura. E evocou a necessidade de um pacto cultural coletivo para superar este cenário: “Essa é a missão minha e de todos nós”, declarou o novo acadêmico, que é advogado, sócio do escritório Ferro, Castro Neves, Daltro & Gomide Advogados, além de Doutor em Direito Civil e bacharel pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Direito pela Universidade de Cambridge. Desde 1996, tem se dedicado à carreira docente na Pontifícia Universidade Católica e na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, onde já lecionou diversas disciplinas.

Dono de uma das maiores bibliotecas de Shakespeare no Brasil, eleito com 27 votos em total de 34 possíveis, aos 54 anos, tornou-se o mais jovem imortal da ABL, além de ser titular da cadeira 27 da Academia Brasileira de Letras Jurídicas.

É também membro de diversas comissões, dentre as quais a Comissão de Direito Civil do Instituto dos Advogados do Brasil (IAB) e a Comissão Nacional de Estudos Constitucionais da OAB Federal. Atualmente, é presidente da Editora OAB-Federal, responsável pela Revista da OAB. Sua produção acadêmica é vastíssima, com livros e artigos nas mais diversas áreas do Direito, principalmente obrigações, contratos e arbitragem.

Além de jurista, é um grande humanista, destacando-se nas intersecções entre Direito e literatura, aproximando o público leigo do universo jurídico e unindo ao seu conhecimento técnico um amplo horizonte cultural. No mesmo dia em que ingressou no quadro dos imortais da ABL, ele lançou o livro *Que é ser advogado?*, que divide a

profissão em três pilares: cultura humanística, conhecimento técnico e ética, traçando um panorama sobre a essência e a relevância da advocacia.

Sua larga produção literária inclui 18 livros sobre Direito, literatura e história, somando cerca de 200 mil exemplares vendidos. Entre os títulos mais conhecidos estão *Como os Advogados Salvaram o Mundo* (2018), *Medida por Medida: O direito em Shakespeare* (2019) e *Os Grandes Julgamentos da História* (2018).

Este ano, Castro Neves estreou também na ficção, com o elogiado *Ozymandias*. Apresentando uma dezena de personagens em uma narrativa complexa e caleidoscópica, o romance aborda questões como a força do destino e pensa a formação do Brasil a partir de uma pequena cidade fictícia (Ateninhas). O livro dialoga com a obra de diversos autores canônicos, de Guimarães Rosa a Shakespeare. A biblioteca do novo acadêmico, aliás, possui cerca de 5 mil títulos do bardo inglês. Parte dela foi adquirida da crítica e tradutora Barbara Heliodora, morta em 2015, e uma das maiores autoridades brasileiras no assunto.

Shakespeare, por sinal, é o tema de diversos títulos de não ficção de Castro Neves. O mais recente deles, *Shakespeare Ontem, Hoje e Amanhã*, e *Amanhã*, e *Amanhã* explora a atemporalidade de peças como *Hamlet* e *A tempestade*. Ele também traçou paralelos entre o inglês e os universos jurídicos e musicais nos títulos *Medida por Medida: O direito em Shakespeare* e *Shakespeare e os Beatles*, de 2019 e 2021, respectivamente.

Falando sobre os motivos que exigem a leitura para um bom advogado, o novo imortal explica: “A alma se alimenta de sabedoria. Só se comunica bem quem lê. Com a leitura, aumenta-se o vocabulário e aprendem-se as inúmeras formas de se manifestar. Advogado é aquele que fala pelo outro. Essa é a própria origem da palavra: *ad vocare*. Fundamental, portanto, que ele saiba se expressar. A literatura é a mais poderosa escola da comunicação.”

Em seu discurso de posse, Castro Neves ressaltou também que o empobrecimento do debate público está diretamente ligado à falta de cultura e de acesso à literatura: “Sem cultura, perdemos a identidade, ficamos sem referências. Spinoza ensinou: ‘As coisas que nada têm em comum não podem ser compreendidas umas pelas outras.’ Para que possamos compreender e ser compreendidos, devemos compartilhar valores.”

Ao destacar o percurso dos seus antecessores na cadeira 26, o escritor e advogado traçou um panorama da cultura brasileira através dos tempos, reforçando o papel da ABL como guardião da memória, da diversidade e da identidade nacional, lembrando da importância de perpetuar tradições: “No ‘juridiquês’, tradição é a entrega da coisa, com o fim de operar a transferência da propriedade. Tradição consiste na entrega. A entrega da cultura, dos hábitos, da história, passada de geração a geração. A tradição nos protege, pois garante a força de uma sociedade, unida ao redor de sua cultura”, afirmou.



Os casais Elza e Merval Pereira, Bel e José Roberto Castro Neves.



Bel e José Roberto Castro Neves recebem o advogado Antonio Abreu e a jornalista e escritora Manoela Ferrari, do *Jornal de Letras*.

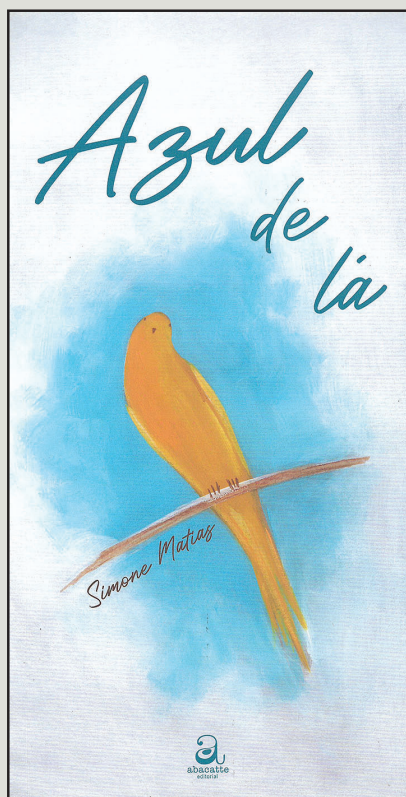
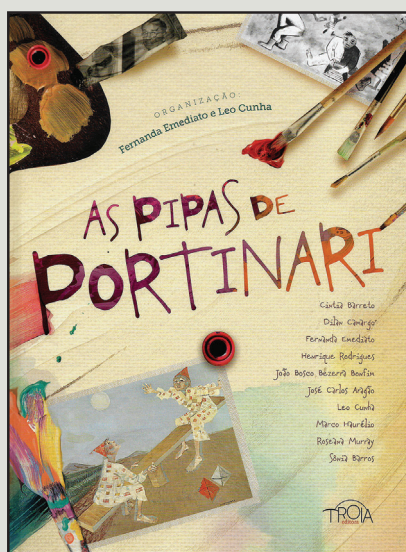
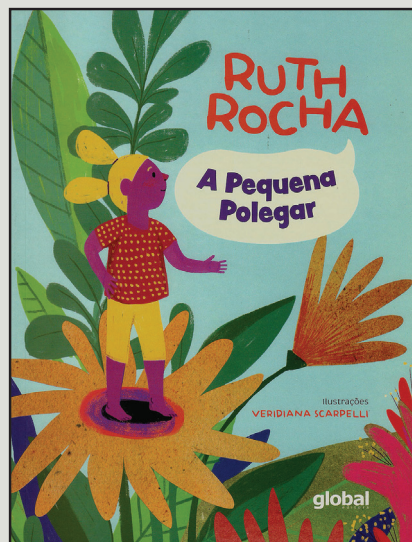
Qualidade e beleza

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

A maioria desses autores já é bem conhecida. Alguns, na própria literatura, outros, em áreas culturais distintas. Este encontro heterogêneo nos mostra a importância e a diversidade das artes. Espero que vocês se deliciem como eu, com textos de qualidade, boas histórias e belas edições.

As Pipas de Portinari – (Troia Editora) – Fernanda Emediato e Leo Cunha organizaram esta coletânea que reúne dez poetas que, com as belíssimas imagens de Cândido Portinari, espalham beleza, unindo poesia e arte. Além dos textos dos dois organizadores, Cintia Barreto, Dilan Camargo, Henriques Rodrigues, João Bezerra Bonfim, José Carlos Aragão, Marco Haurélio, Roseana Murray e Sônia Barros participam da obra. Lindo livro.

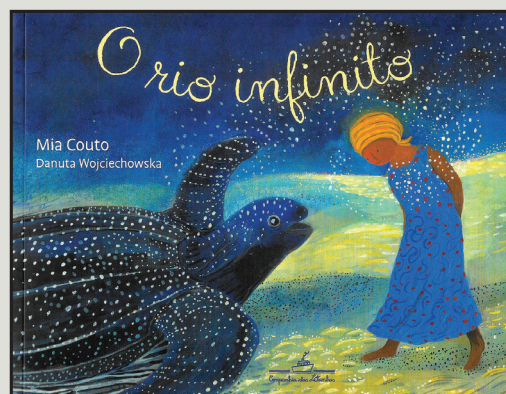
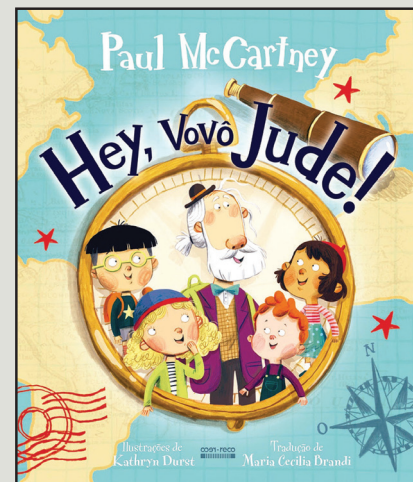
Azul de Lá – (Abacatte) – Muitas leituras nos exuberantes desenhos de Simone Matias neste lindo livro de imagens. Qual caminho escolher? Quando a liberdade envolve situações de ameaça? O medo nos aprisiona? A hostilidade nos afasta da vida? Cabe a cada um a escolha do caminho, nem sempre a escolha certa, mas a que nos parece melhor (ou mais segura).



A Pequena Polegar – (Global) – Agora é a vez de Ruth Rocha, a querida e premiada autora de inúmeras histórias infantis. No conto de um clássico da literatura infantil (Coleção Recontos Bonitinhos), a autora tem como aliada Veridiana Scarpelli, com exuberantes ilustrações que nos remetem ao lindo mundo dos contos clássicos e das histórias de gente miúda.

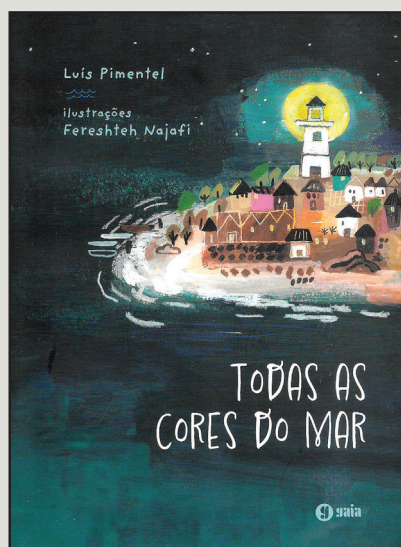


Hey, Vovô Jude! – (Reco-Reco) – Quem não gostaria de sair por aí viajando com Paul McCartney e sua bússola mágica? Também quero ir nessa aventura com toque de magia. O Vovô Jude leva seus quatro netos em viagens divertidas e emocionantes na praia, em cavalgadas no deserto, em montanhas geladas. Pura emoção e alguns sustos! As divertidas ilustrações são de Kathryn Durst e a tradução é de Maria Cecília Brandi.



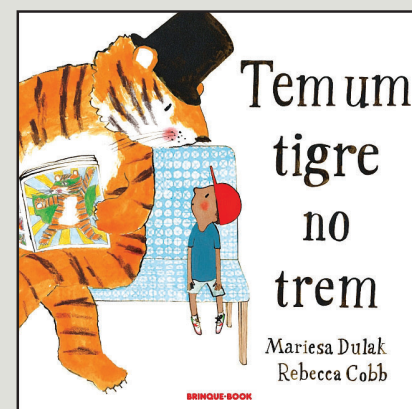
O Rio Infinito – (Companhia das Letrinhas) – Também gostaria de viajar com esse autor: Mia Couto! Conhecido por sua literatura fantástica em que relata histórias e contos da África e de Moçambique para o público adulto, Mia também se destaca na literatura infantil. Nesta obra,

numa aldeia escura, o autor destaca a importância das histórias que permitem os sonhos e resgatam a alegria e a luz em momentos difíceis. O pai parte em busca de comida, a mãe parte para encontrar histórias para seus filhos, para fazer renascer a esperança. É no fundo do mar, o rio de todos os rios, onde ela encontra o que procura, dentro de um búzio, em troca, entrega uma obra em madeira feita pelo marido. Mais uma vez, arte e literatura se encontram. As ilustrações são de Danuta Wojciechowska.



Todas as Cores do Mar – (Gaia) – Mais um autor premiado! Luís Pimentel nos conta, em singela prosa poética, a ansiedade de Marina para conhecer o mar. Moradora do interior, seu grande desejo era ver o mar. Ela já o imaginava e insistia com os pais para que a levassem ao litoral. Até que o dia finalmente chegou! Após uma longa viagem, chegaram à praia! Marina, encantada, observou detalhadamente o mar que mudava de cor a cada hora do dia. Envolvida em emoção, a menina concluiu que o mar, na verdade, não tem cor, ele assume as cores da imaginação. As ilustrações são de Fereshteh Najafi.

Tem um Tigre no Trem – (Brinque-Book) – Mariesa Dulak escreveu, Rebecca Cobb ilustrou e a tradução é de Nina Rizzi. Um livro muito divertido que serve de advertência para pais distraídos, presos ao celular. O pai e o menino vão de trem para a praia. Inúmeras coisas acontecem e... o pai não vê. Será que ele vai largar o celular para aproveitar a viagem com o menino? Espero que sim...



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



MÍRIAM LEITÃO

Míriam Azevedo de Almeida Leite (Caratinga, 7 de abril de 1953) é uma jornalista e apresentadora de televisão brasileira. É titular da cadeira 7 da Academia Brasileira de

Letras. Formada na Universidade de Brasília (UnB), exerce a profissão há 40 anos. Iniciou sua carreira em Vitória (ES), tendo atuado em diversos órgãos de comunicação, como *Gazeta Mercantil*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, Rede Bandeirantes, Rádio CBN, Globo News e TV Globo. Foi repórter de assuntos diplomáticos da *Gazeta Mercantil* e editora de economia do *Jornal do Brasil*. Em 1972, quando estava grávida, foi presa e torturada física e psicologicamente pela ditadura militar brasileira, por ser militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Em 1996, ela passou a ser comentarista de economia do *Jornal Hoje*. Tem onze livros publicados. Pela Editora Record, *Convém Sonhar* (2010) e *Saga Brasileira: A longa luta de um povo por sua moeda* (2011). O Saga ganhou o Jabuti de “Livro Reportagem” e o Jabuti de “Livro do Ano de Não Ficção”, da Câmara Brasileira do Livro em 2012. Em 2013, lançou o infantil *A Perigosa Vida dos Passarinhos Pequenos*, em 2014, *A Menina de Nome Enfeitado*. Pela Editora Intrínseca, a ficção *Tempos Extremos* (2014), *História do Futuro* (2015), *Verdade é Teimosa* (2017), o livro de crônicas *Refúgio no Sábado* (2018), *A Democracia na Armadilha* (2021) e *Amazônia na Encruzilhada* (2023).

acervo JL



LÍDIA JORGE GCIH

(Loulé, Boliqueime, 18 de junho de 1946) Escritora portuguesa do período pós-Revolução, autora de romances, contos, ensaios, poesia

e crônica. Lídia Jorge nasceu no Algarve, em Boliqueime, distrito de Loulé, numa família de agricultores e de emigrantes. Licenciou-se em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, graças ao apoio de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre 1995 e 1999. Por designação do Governo Português, foi membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social. Integrou o Conselho Geral da Universidade do Algarve. No dia 10 de Junho de 2025, na qualidade de conselheira de Estado, interveio nas comemorações do Dia de Portugal, apresentando um discurso cuja recepção pública se dividiu entre o elogio e a reprovação. Obras: Seu primeiro romance conhecido *O Dia dos Prodígios* (1980). Os títulos seguintes *O Cais das Merendas* (1982) e *Notícia da Cidade Silvestre* (1884) foram ambos distinguidos com o Prêmio Literário Município de Lisboa. *Notícia da Cidade Silvestre* (1984), *A Costa dos Murmúrios* (1988), livro que reflete a experiência passada na África Colonial, que a autora consolidaria o seu lugar no panorama literário português. Na década de 1990, seguiram-se *A Última Dona* (1992), *O Jardim sem Limites* (1995) e *O Vale da Paixão* (1998). Nos anos 2000, editou *O Vento Assobiando nas Gruas* (2002), posteriormente adaptado para cinema pela realizadora Jeanne Waltz.

acervo JL



LINA MERUANE BOZA

(Nascida em 1970) Escritora e professora chilena. Sua obra foi traduzida para 12 idiomas — inglês, italiano, português, alemão, francês, árabe etc. Em

2011, ganhou o Prêmio Anna Seghers pela qualidade de seu trabalho, em 2012 o Prêmio Sor Juana Inés de la Cruz por seu romance *Sangre en el ojo*. Em 2023, o Prêmio Ibero-americano de Letras José Donoso. Começou a escrever como contadora de histórias e jornalista cultural. Em 1997, ela recebeu uma bolsa de escrita do Fundo Nacional de Desenvolvimento Cultural e das Artes (FONDART). Publicou dois romances antes de partir para Nova York para fazer seus estudos de doutorado em literatura hispano-americana na Universidade de Nova York. Nos Estados Unidos, recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim 2004 (pelo romance *Fruta Podrida*), e outra em 2010 do National Endowment for the Arts (por *Sangre en el ojo*). Em 2011, ela recebeu o Anna Seghers-Preis e, no ano seguinte, ganhou o 20º Prêmio Sor Juana Inés de la Cruz por *Sangre en el ojo*, durante a Feira Internacional do Livro de Guadalajara. Obras: *Póstuma*, Planeta, Santiago, 2000 (Oficina do Livro, Portugal, 2001); *Fruta podrida*, Fundo de Cultura Econômica, Santiago, 2007 (Eterna Cadencia, 2015); *Sangre en el ojo*, *Caballo de Troya*, Espanha, 2012 (Penguin Random House, 2015); *Sistema Nervoso*, Penguin Random House, Chile e Espanha, 2019. Atualmente, ela leciona no mestrado em Escrita Criativa em Espanhol na Universidade de Nova York.

Dia internacional da mulher negra, Terezas do Brasil

Por Manoel Goes Neto*

Celebramos, no último dia 25 de julho, o Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha. A data foi pensada no ano de 1992 quando, em Santo Domingo, República Dominicana, realizou-se o 1º encontro de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas. O encontro, à época, visava denunciar o racismo e o machismo enfrentados por mulheres negras, não só nas Américas, mas também ao redor do mundo. No Brasil, a partir de 2014, por meio da Lei 12. 987, é estabelecido também no dia 25 de julho, o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, com o propósito de dar visibilidade para o papel da mulher negra na história brasileira, através da figura de Tereza de Benguela. Ao longo da história de nosso país, as mulheres negras estiveram à frente de várias lutas, sobretudo, pelo direito de viver com dignidade. Contudo, esse ainda é um objetivo não alcançado, pois o direito à vida quando se refere às mulheres negras é ameaçado constantemente.

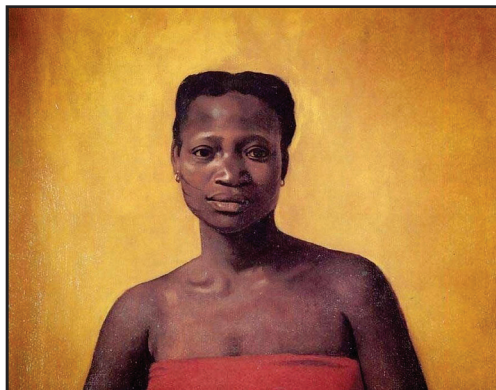
Tereza de Benguela foi uma líder do

Quilombo Quariterê, localizado no atual estado do Mato Grosso, por meio do qual lutava contra o governo escravista e coordenava as atividades econômicas e políticas do Quilombo. Assim como outras heroínas negras, Tereza de Benguela é um dos nomes esquecidos pela historiografia nacional. Nos dias atuais, é significativa a participação das mulheres quilombolas e das mulheres de comunidades periféricas de tradicionais casas de matrizes africanas, na proteção das tradições culturais do nosso povo preto, na defesa da titulação das terras de suas comunidades, na busca pelo desenvolvimento e dos direitos sociais fundamentais, como a educação formal e à saúde, dando visibilidade e inspiração ao papel da mulher negra na história brasileira. O Julho das Pretas é uma ação de incidência política e agenda conjunta e propositiva com organizações e movimento de mulheres negras do Brasil, voltada para o fortalecimento da ação política coletiva e autônoma das mulheres negras nas diversas esferas da sociedade.

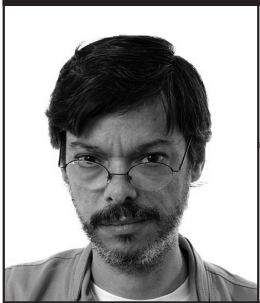
Agora temos, enfim, a primeira mulher negra a integrar a Academia Brasileira de Letras (ABL) a escritora Ana Maria Gonçalves. Ela foi eleita para a cadeira 33, vaga com a morte de Evanildo Bechara, e se tornou a mais jovem imortal da ABL. A escritora, conhecida por obras como *Um Defeito de Cor*, que já vendeu 180 mil exemplares, venceu o Prêmio Casa de las Américas (2007), foi eleito o melhor romance brasileiro do século 21 e virou enredo da Portela no carnaval de 2024. Recebeu 30 dos 31 votos possíveis na sua eleição na ABL. Ana Maria Gonçalves também é reconhecida por debates sobre literatura e questões raciais, além de atuar como professora de escrita criativa e curadora de projetos culturais. Com a honraria, Ana se torna a primeira imortal negra da história da instituição em 128 anos, e a 13ª mulher a ingressar na ABL.

Temos muitas “Terezas Poetas”, e que venham outras mais, na luta contra o racismo, à intolerância e o machismo, tendo identidade ímpar com a líder quilombola Rainha Tereza de Benguela. Sagrada ancestralidade!

*Manoel Goes Neto – escritor, produtor cultural e diretor no IHGES.



A pintura de uma mulher negra feita pelo artista francês Félix Vallotton (*Femme noire assise de face*) foi realizada em 1911 e é associada, no Brasil, à figura de Tereza de Benguela. Trata-se de uma arte de óleo sobre tela e de uma coleção privada.



Por Zé Roberto



zerobertograuna@gmail.com

CARMEN, A DESENHISTA DA FAMÍLIA TEFFÉ



Carmen de Teffé na galeria do Sesc de Ramos.

Conheci as filhas de Nair de Teffé graças a uma das bisnetas da artista. Em meados de 2011, quando o Orkut era a única rede social realmente forte, eu criei por lá um grupo para homenagear Nair de Teffé, nossa primeira caricaturista, conhecida pela chancela de Rian (Nair ao contrário). Por meses, nada de surpreendente surgiu, afinal, aquele grupo era frequentado, na maioria quase absoluta, por cartunistas jovens que pouco sabiam sobre ela. Até que um dia, recebi uma mensagem de uma menina bem bonitinha que se apresentou sem rodeios: “Olá, meu nome é Karine. Sou bisneta de Nair de Teffé, que legal que vocês criaram essa página!” A menina completou sua mensagem informando ser neta de Carmen de Teffé, e sobrinha-neta de Tânia e Paulo, os 3 filhos da nossa caricaturista pioneira. Com tantas informações interessantes e certeiras, passamos a trocar mensagens e informações sobre Nair de Teffé e a família.

Dias depois, Karine me passou os telefones de sua família, passei a manter contato com Carmen e Tânia, conversamos e trocamos algumas informações bastante interessantes que geraram alguns encontros presenciais. O primeiro deles aconteceu nas proximidades da Praça XV e, mais adiante, em março de 2013, no Sesc de Ramos, quando fui convidado para organizar uma exposição na galeria local para homenagear as artistas femininas por conta do Dia Internacional da Mulher. Naquela ocasião, aproveitei que eu havia digitalizado uma série de imagens sobre Nair de Teffé, e sugeri ao Sesc uma exposição que resumisse com textos e imagens a história marcante da artista. O evento possibilitou estreitamento mais efetivo com as filhas da famosa caricaturista, quando elas prestigiaram a exposição e compareceram à galeria do Sesc. No mesmo dia, agendei a presença da desenhista Déborah Trindade, que é habilidosa na prática de desenhar caricaturas ao vivo, para

retratar com muito humor as duas irmãs e presenteá-las com a arte que fez a fama de Nair de Teffé.

Seis anos depois, a mesma exposição foi revisada, ampliada e novamente montada, desta vez na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói. Mais uma vez, Carmen e Tânia marcaram presença e prestigiaram a mostra.

Durante os contatos com as filhas de Nair de Teffé, soube que Carmen é ótima desenhista e que participa regularmente de eventos e feiras de artesanato, quando exhibe tecidos pintados à mão e desenhos e pinturas em peças de cerâmica. Numa das muitas conversas que mantive com Carmen, via WhatsApp, ela me contou que, quando era criança, foi flagrada por Nair de Teffé enquanto desenhava. Rian se surpreendeu com a qualidade da arte que a jovem Carmen colocava no papel e comentou: “Meu

Deus, eu tenho uma artista dentro de casa! Eu sou caricaturista, mas tem algumas coisas que eu não sei desenhar!” A partir desse dia, Nair de Teffé passou a incentivar Carmen a criar suas artes, comprou alguns materiais de desenho e pintura, entre os quais uma caixa de bastões pastel. Conforme Carmen evoluiu, Rian comentou sobre o talento da filha com o desenhista e pintor Adolpho Carvalho, que sugeriu levar a menina à TV Rio para desenhar ao vivo. Na época, Adolpho frequentava a emissora carioca e participava do programa Coisas da Praia Grande, de Carlos Couto, quando o artista desenhava caricaturas dos convidados durante a atração. Para incentivar Carmen, Rian resolveu aceitar a sugestão de Adolpho e levar a filha para participar de uma gincana na TV Rio.

Anteriormente, por dias seguidos, Carmen passou a visitar um cavalo que costumava pastar nas redondezas (na época, elas moravam em Pendotiba, numa área rural) e fez diversos esboços da cabeça do equino. “Eu desenhiei e treinei tanto que, até hoje, consigo desenhar de memória a cabeça de um cavalo sem qualquer dificuldade!”, nos disse Carmen.

No dia do programa, a jovem desenhista subiu ao palco com outras crianças para desenhar e concorrer a um prêmio. Enquanto as outras crianças fizeram desenhos mais infantis e compatíveis com suas idades, Carmen surpreendeu com um desenho daquele cavalo que por dias ela observou. Não deu outra, seu cavalo foi escolhido como o melhor desenho e a menina saiu vencedora da gincana. Mas, aí, veio a decepção, esperando que fosse ganhar um prêmio valioso por sua arte, o programa a laureou com uma caixa de biscoitos, patrocinador da atração. “Era até uma caixa bonita, daquelas de lata, mas, na minha cabeça de criança, foi uma decepção!”, diz sem perder o bom humor.

Hoje, Carmen de Teffé continua pintando e desenhando e, sempre que pode, participa de feiras de artesanato na cidade onde reside atualmente, em Saquarema, onde vende suas artes. De certa maneira, a filha de Rian manteve a tradição e as artes bem próximas da família Teffé. Importante ressaltar que, atualmente, Karine de Teffé está se preparando para organizar, recuperar e manter as memórias de Rian e da família Teffé. Já deixa registrado aqui a felicidade em saber dessa iniciativa da jovem que, com certeza, resultará em ótimos projetos em exaltação aos Teffé, uma das mais tradicionais famílias da História do Brasil.

Saúde e Arte!

Cabeça de cavalo num desenho de Carmen.



A posse da jornalista Miriam Leitão na ABL

Por Manoela Ferrari



Miriam Leitão, 12ª mulher a ser eleita para a ABL, em seu discurso de posse.

Décima segunda mulher a entrar para os quadros da Academia Brasileira de Letras, a jornalista Miriam Leitão tomou posse no dia 8 de agosto na cadeira 7, sucedendo o saudoso cineasta Cacá Diegues, morto em fevereiro deste ano. A nova acadêmica foi eleita no dia 30 de abril com 20 votos entre 34 possíveis.

A cerimônia de recepção foi conduzida pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin, responsável pelo discurso. O colar foi entregue pela acadêmica Ana Maria Machado, e o diploma por Ruy Castro. A comissão de entrada foi formada por Rosiska Darcy de Oliveira, Fernanda Montenegro e Lília Moritz Schwarcz; a de saída, por Carlos Nejar, Antônio Torres e Ailton Krenak. O evento, exclusivo para convidados, foi transmitido ao vivo pelo site e pelo canal de Youtube da ABL.

Miriam Leitão nasceu em Caratinga, MG, em 7 de abril de 1953. É a sexta de 12 filhos do casal Uriel e Mariana, ele educador e pastor presbiteriano, ela, educadora. Começou sua vida profissional no Espírito Santo, indo depois para Brasília, São Paulo, até se mudar definitivamente para o Rio de Janeiro, em 1986. Jornalista de jornal impresso, rádio, TV e mídia digital, a escritora tem 16 livros publicados de diversos gêneros literários, não ficção, crônicas, romance e livros infantis.

Em 53 anos de vida profissional, trabalhou em vários veículos de imprensa, entre eles *Gazeta Mercantil* e *Jornal do Brasil*. Desde 1991 está no grupo Globo, é colunista do jornal *O Globo*, comentarista do Bom Dia Brasil, Globonews, CBN e ancora o programa de entrevistas Miriam Leitão Globonews.

Em dezembro de 1972, aos 19 anos, grávida, foi presa e processada pela Lei de Segurança Nacional por se opor à ditadura militar.

É casada com o escritor e cientista político Sérgio Abranches. Tem dois filhos, Vladimir Netto e Matheus Leitão, além do enteado Rodrigo Abranches e quatro netos: Mariana, Daniel, Manuela e Isabel.



A comissão de entrada que conduziu a acadêmica Miriam Leitão reuniu as imortais Fernanda Montenegro, Lília Moritz Schwarcz e Rosiska Darcy de Oliveira.



O acadêmico Ailton Krenal com Sergio Abranches, casado com a acadêmica Miriam Leitão.

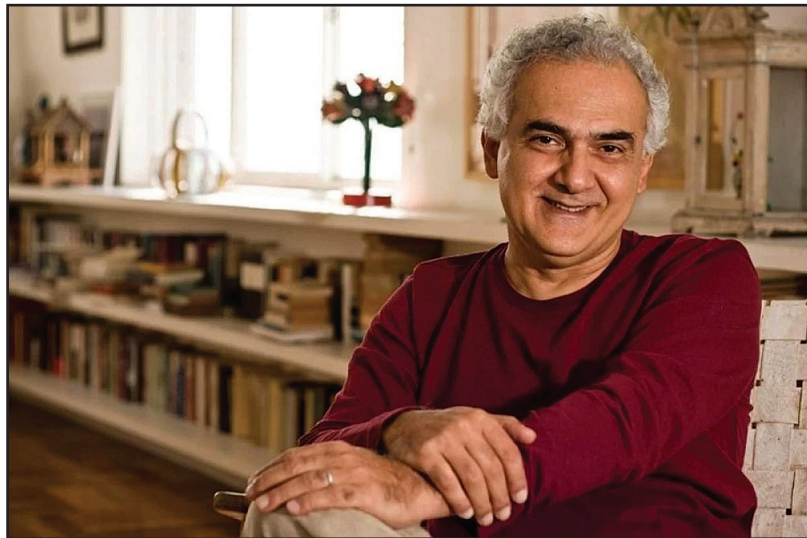


Ao acadêmicos Edmar Bacha e Eduardo Giannetti com Gabriel Galípolo (presidente do Banco Central).



O imortal Arnaldo Niskier e a mulher Ruth, na posse de Miriam Leitão.

A eleição do escritor Milton Hatoum para a ABL



O escritor Milton Hatoum é o mais recente imortal eleito para a ABL.

Com 33 dos 34 votos, o premiado escritor Milton Hatoum foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras. O manauara ocupará a Cadeira nº 6 do Quadro dos Membros Efetivos, vaga que ficou aberta com a morte do saudoso jornalista Cícero Sandroni (1935-2025) em junho deste ano.

Concorreram com Hatoum os escritores Angelos D'Arachosia, Antônio Campos, Cezar Augusto da Silva, Eduardo Baccarin-Costa e Paulo Renato Ceratti. Apenas Antônio Campos recebeu um voto.

Além de romancista, Hatoum é contista, ensaísta, tradutor e professor universitário. Em 1989, seu primeiro romance, *Relato de um Certo Oriente*, publicado pela Companhia das Letras, ganhou o Prêmio Jabuti de Melhor Romance e foi adaptado para o cinema com o mesmo nome.

O presidente da ABL, Merval Pereira, afirmou que Hatoum é o maior escritor brasileiro vivo e um romancista de primeira ordem: "Vai ser muito útil para a Academia. Hatoum já colaborava muito com a *Revista Brasileira*, agora vai ter a oportunidade de colaborar mais ainda."

O acadêmico Ruy Castro comemorou a eleição do novo imortal: "Grande romancista. Representante de uma geração de ficcionistas. A academia sempre teve gente de diversas origens, de todos os lugares, como João do Rio, Pedro Lessa. É uma geração mais jovem que está chegando e tem uma grande contribuição a dar."

A acadêmica Lilia Schwarcz destacou que o escritor tem uma "voz cidadã, uma voz ética": "Ele é literatura, faz literatura, vai às escolas falar de literatura. Teve uma votação muito representativa."

Biografia

Nascido em Manaus, em 1952, Hatoum mudou-se para Brasília em 1968, onde estudou no Ciem (Colégio de Aplicação da Universidade de Brasília). Morou toda a década de 1970 em São Paulo. Diplomou-se em Arquitetura na Universidade de São Paulo (USP), onde desenvolveu uma pesquisa sob a orientação do geógrafo Milton Santos. Na década de 1970, também foi professor de História da Arquitetura na Universidade de Taubaté.

Em 1980, morou em Madri, como bolsista do *Instituto Ibero Americano de Cooperación*. Entre 1981 e 1983, morou em Paris, onde cursou mestrado em literatura latino-americana. De 1984 a 1998, foi professor de língua e literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas.

Em 1999, mudou-se para São Paulo, onde foi colunista do Caderno 2 (*O Estado de S. Paulo*), entre 2008 e 2016. Foi também colunista do jornal *O Globo*, do site *Terra Magazine* e da revista *Entre livros*.

Onovo acadêmico foi também professor visitante da Universidade da Califórnia (Berkeley) e da Sorbonne, bolsista da Fundação Vitae

(1988), da *Maison des Écrivains Étrangers* (Saint-Nazaire/França) e escritor residente das Universidades Yale e Stanford e do *International Writing Program* (Iowa/EUA). Participou de seminários e fez conferências em várias instituições e universidades europeias (Sorbonne, Rennes, Poitiers), norte-americanas (Biblioteca do Congresso, Berkeley, Princeton, Yale) e libanesas (Saint-Joseph, American University).

No ano 2000, publicou o romance *Dois Irmãos* (indicado para o Impac-Dublin Literary Award, 2004), eleito o melhor romance brasileiro no período 1990-2005 em pesquisa feita pelos jornais *Correio Braziliense* e *O Estado de Minas*. O título foi publicado na Argentina, Alemanha,

China, Espanha, Estados Unidos, Itália, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Líbano, Portugal, República Tcheca e Sérvia. *Dois Irmãos* foi adaptado para o audiovisual (minissérie da TV Globo, direção de Luiz Fernando Carvalho, roteiro de Maria Camargo).

Em 2005, o romance *Cinzas do Norte* obteve o Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/Apca-2005, Prêmio Jabuti/2006 de Melhor Romance, Prêmio Livro do Ano da CBL e Prêmio Bravo! de Literatura. Em 2008, recebeu do Ministério da Cultura do Brasil a medalha da Ordem do Mérito Cultural. Em 2010, a tradução inglesa de *Cinzas do Norte* (*Ashes of the Amazon*, Bloomsbury, 2008) foi indicada para o Prêmio Impac-Dublin.

Em 2008, publicou seu quarto romance, *Órfãos do Eldorado* (Prêmio Jabuti – 2º lugar na categoria Romance). Foi adaptado para o cinema (direção e roteiro de Guilherme Coelho). Em 2009,

lançou o livro de contos *A Cidade Ilhada*, que inspirou o filme "O rio do desejo", dirigido por Sergio Machado.

Em 2013, publicou *Um Solitário à Espreita*, uma seleção de crônicas publicadas em jornais e revistas. Em 2017, Hatoum foi nomeado *Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres* pelo Ministério da Cultura e da Comunicação da República Francesa.

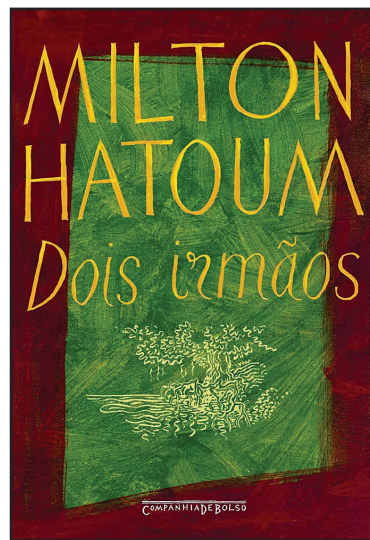
Recebeu o Prêmio Juca Pato/Intelectual do ano (União Brasileira dos Escritores/UBE/2018) pelo romance *A Noite da Espera* – primeiro volume da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*. Ainda em 2018, recebeu, em Paris, o *Prix Roger Caillois 2018 pour la Littérature Latino-Américaine* (Maison de l'Amérique Latine/PenClub France).

Em 2019, lançou *Pontos de Fuga*, segundo volume da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*. Em parceria com o filósofo e crítico literário Benedito Nunes, publicou *Crônica de Duas Cidades: Belém e Manaus* (2006/Secult-PA), a ser relançado pela Companhia das Letras, editora das obras do autor.

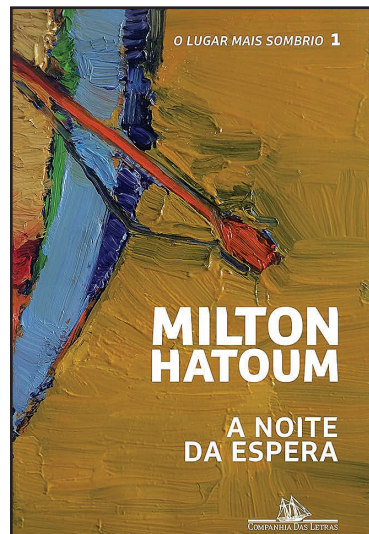
Seus livros já ultrapassam 500 mil exemplares vendidos. Foram publicados em 17 países. O escritor traduziu para o português *A Cruzada das Crianças* (Marcel Schwob), *Representações do Intelectual* (Edward Said) e, em parceria com Samuel Titan, *Três Contos* (Gustave Flaubert).

Em outubro, a Companhia das Letras publicará *Dança de Enganos*. O livro é o último da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, inspirado na época da ditadura militar no Brasil. E segue, também, sua atividade de escritor convidado para ministrar cursos e conferências em universidades e institutos do Brasil e do exterior.

Primeiro volume da série de três, *O Lugar Mais Sombrio*, *A Noite da Espera* retrata a formação sentimental, política e cultural de um grupo de jovens de Brasília, dos anos 1960 e 1970.

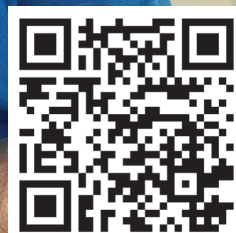


Em *Dois Irmãos*, Prêmio Jabuti 2001 de melhor romance, o lugar da família se estende ao espaço de Manaus, o porto à margem do rio Negro: a cidade e o rio, metáforas das ruínas e da passagem do tempo, acompanham o andamento do drama familiar.



Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

Inteligência artificial: desafios e responsabilidades

Por Antônio Valdemar*

A inventariação crítica sistematizada por Arnaldo Niskier para o conhecimento, a avaliação e a extensão de um fenômeno que suscita euforias e apreensões, até conseguir um equilíbrio dinâmico que resista ao imobilismo purista e à rendição acrítica

O último livro de Arnaldo Niskier sobre *Inteligência Artificial Hoje* é um manual de informações muito úteis e de reflexões muito oportunas incluídas no decurso de cem comentários pontuais publicados, desde 2023 até abril de 2025, em órgãos de comunicação com a amplitude e o estatuto d’*O Globo*, *Folha de São Paulo* e do *Correio Brasiliense*.

O poder de comunicação de Arnaldo Niskier – confirmado em mais de cem obras que se repartem através dos setores da educação, do ensino e da investigação histórica – permite-nos o conhecimento, a avaliação e a extensão galopante de uma das conquistas irrecusáveis do mundo do nosso tempo. Mas não deixa também de enumerar as advertências perante os riscos associados à Inteligência Artificial, tais como a apropriação indevida e indiscriminada da propriedade intelectual, a propagação de *fake news*, a ausência de respeito pelos valores humanos tais como a segurança, a equidade, a transparência e a privacidade.

Os receios, as dúvidas e as objeções que a propagação da Inteligência Artificial tem levantado, foram expressos por cientistas eminentes reconhecidos com o Prémio Nobel: John Hopfield e Ginton Hinton “Se não houver controlo” – disse Hopfield – “pode ocorrer uma catástrofe”, pois os desafios não se podem resumir a questões de ordem técnica, mas de natureza antropológica, social e política. Requerem formação ética e um compromisso de responsabilidade.

Também o Papa Francisco, nos debates desencadeados em junho de 2024, na reunião da cúpula do G7, que decorreu na Apúlia, manifestou objeções perante a eventualidade do homem se converter num processo para programar computadores. “O homem – acentuou o Pontífice – não se pode transformar num algoritmo. O homem deverá ser o sujeito e não o objeto desta revolução. O resultado positivo” – concluiu O Papa Francisco – “só será possível se formos capazes de agir de maneira responsável e de respeitar valores humanos fundamentais”.

Humanismo e civilização tecnológica

Estamos a viver um novo ciclo na história do mundo, cuja população ascendeu a oito biliões de habitantes e, segundo as estatísticas mais recentes, há 300 milhões que sofrem de forte depressão, de angústia inquietante, de crises emocionais inevitáveis. É impossível ficar indiferente às mudanças que vão surgindo, umas vezes com evidentes benefícios, outras repletas de contrariedades e incongruências.

Há, sem dúvida, metas a atingir não apenas na área das ciências, da medicina, da educação e do ensino, da literatura, das artes visuais, da economia, da justiça, das relações internacionais. Os grandes industriais e empresários do mundo mostram-se receptivos aos desafios que se multiplicam nos mais diversos domínios. Contudo, a requalificação profissional, os reajustamentos legislativos, o combate à fome e às desigualdades sociais e humanas destacam-se entre as prioridades.

Yuval Noah Harari escritor e ensaísta com os maiores êxitos editoriais das últimas décadas, refletiu todos estes aspetos, denunciando arrivismos descarados e manipulações revoltantes, no recente livro “*Nexus – Uma breve história das redes da informação, da Idade da Pedra à Inteligência Artificial*”.

Todavia, Isaac Asimov (1920-1992) – um dos mestres da ficção científica, e divulgação científica, foi mais frontal e conciso ao pronunciar-se acerca de matérias polémicas de inovação: “Se o conhecimento pode criar problemas, não é por meio da ignorância que podemos solucioná-los”.

Instituições de renome cultural e cívico como a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, estão a acompanhar a utilização imparável da Inteligência Artificial. Nesta conformidade, a Academia Brasileira de Letras decidiu confiar a Arnaldo Niskier a presidência da Comissão de Lexicologia e Lexicográfica. Duas vezes presidente da Academia e com um currículo a vários títulos notável, Arnaldo Niskier já introduzira, em 1986, um banco de dados extensivo em todos os sectores da Academia.

Recorde-se, entretanto, que Arnaldo Niskier logo no discurso de posse, em 1984, declarou peremptoriamente: “Sempre houve uma componente técnica na natureza humana, da mesma forma que sempre coe-

xistiram o instrumento e a linguagem. Se fosse necessário estabelecer uma ordem de precedência, diríamos que o humanismo, no que ele representa de espírito perquiridor, de busca do ideal da realização humana, precede a técnica, pois a ferramenta procede da palavra, do pensamento, da criação. O que se busca” – ponderou ainda Arnaldo Niskier – “é uma nova síntese que supere os antagonismos entre humanismo e civilização tecnológica. Nem o humanismo é um fim em si mesmo, contemplativo e estático, nem a civilização tecnológica deve subjugar o homem com suas ofertas desmedidas e, às vezes, desnecessárias”.

Cooperação entre as duas Academias

Idênticas funções estão a ser exercidas na Academia das Ciências por Ana Salgado, lexicógrafa e investigadora nas áreas das Ciências da Linguagem e das Humanidades Digitais. Líder do projeto de revisão da norma ISO 1951: 2007; colaboradora do grupo DARIAH-EU *Working Group Lexical Resources*. Colíder do WG1 da CA22126 – *European Network On Lexical Innovation* (ENEOLI).

O percurso de Ana Salgado, começou no departamento de Dicionários da Porto Editora, onde liderou vários trabalhos de referência. Atualmente, coordena os projetos lexicográficos da Academia das Ciências de Lisboa, onde, desde 2023, é presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa (ILLP). É ainda uma das editoras incumbidas da publicação do *Thesaurus de Ciências da Terra*, coordenado por Manuel Lemos de Sousa, catedrático da Universidade do Porto, académico efetivo e membro do Conselho Científico da Academia das Ciências.

A cooperação de ambas as Academias é urgente e é necessária. Tanto mais que a interação do *Gemini Live* – em vias de se tornar o cérebro dos *smartphones*. – pode ser feita em dez idiomas, entre os quais a língua portuguesa. As interrogações são pertinentes: em que medida os desenvolvimentos da inteligência artificial são suscetíveis de atingir e desvirtuar a estrutura da língua (portuguesa, francesa, inglesa etc)? Corre – se o risco de perder o cunho de identidade? Como reagir em face de possíveis alternativas para incorporar as inovações no idioma falado e, sobretudo, no idioma escrito?

O excesso de zelo dos puristas

A defesa e valorização da língua portuguesa não podem resvalar no excesso de zelo dos puristas horrorizados com a introdução crescente dos francesismos e anglicismos. Um dos exemplos tristemente célebres é o livro “*Rol de Estrangeirismos*”, da autoria do professor Francisco Júlio Martins Sequeira, publicado no auge do salazarismo.

Tinha por finalidade ser uma “obra de consulta fácil e de fácil manuseio, uma como cartilha para servir a quantos, desejosos de falar ou escrever em português de lei, procurem um guia adequado e de intentos seguros. Era ainda mais categórico. Destinava-se a “escorraçar, por sadio nacionalismo e por brio próprio, (...) os termos espúrios, desnecessários, impertinentes, anti-portugueses”.

Entre as inúmeras propostas sugeria: em vez de *boxeur*, murrista ou socador; de *camionete*, galera ou autocarro; de *cassetette*, porrete ou cacheira; de *croissant*, meia lua; de *derrapagem*, escorregamento; de *embraiaagem*, engate ou engranzagem; de *hangar*, telheiro ou trapiche; de *toilette*, atavios ou afeitamento; de *mayonaise* salgadeira ou mistifório.

Da lista interminável menciono ainda: em vez de *chutar*, pontapear; de *jazz-band*, banda de pretos ou banda esquipática; de *smoking*, jaqueta; de WC (*water closet*) privada, sentina ou latrina; de *cocktail*, cacharolete e de *John Bull*, João Touro.

Em cada uma destas alternativas estamos confrontados com o ridículo e o absurdo. A inventariação crítica, sistematizada por Arnaldo Niskier no livro sobre “*Inteligência Artificial Hoje*”, cumpre a função de esclarecer o leitor sobre o rumo a seguir em matéria de língua portuguesa, num tempo marcado pelos avanços e os desafios da Inteligência artificial.

A competência do filólogo

Compete ao filólogo – ensina Antônio Houaiss – a defesa da sua língua natal, o estudo científico das outras línguas; a análise crítica das variantes, a organização de edições críticas para fixar a coisa significada.

Prémio Nobel da literatura em 1956, o poeta espanhol Juan Ramon Jimenez (1881-1958), escreveu este poema que aprofunda a genealogia da palavra: “*Filologia, dá-me o nome exato das coisas. / Que a minha palavra seja a própria coisa/ criada pela minha alma novamente!! Que por mim cheguem todos/ os que não as conhecem, às coisas. / Que por mim vão todos/ esses que as amam, as coisas. / Filologia, dá-me o nome exato/ e teu e seu e meu das coisas.*”

Perante a evolução natural e irrecusável de qualquer língua, em vez de temer a inovação, as Academias e a sociedade devem molda – lá, encontrando um equilíbrio dinâmico que resista ao imobilismo purista e à rendição acrítica. Assim, poderá garantir que a Inteligência Artificial sirva o homem e que a língua portuguesa, em toda a sua diversidade, continue a ser, em cada país, um instrumento de identidade e dialogo plural.

*Antônio Valdemar é jornalista (carteira profissional número um em Portugal) sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Esqueçam a CPLP e deixem o Camões em paz

Por Amílcar Correia*

A somar a trinta anos de irrelevância política e diplomática, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) tem dois novos desafios pela frente. Nos próximos quatro anos, a organização será presidida pela Guiné-Bissau, cujo Presidente faz questão de ignorar qualquer preceito constitucional, e pela Guiné Equatorial, país conhecido por esses e outros atropelos.

O que o Presidente Umaro Sissoco Embaló poderá fazer pela CPLP é nulo. As suas práticas contradizem os estatutos: dissolução inconstitucional do Parlamento, perseguição de opositores políticos ou violação dos direitos humanos. E o que Teodoro Obiang poderá fazer pela organização será ainda pior. A ditadura de Obiang ainda não aboliu a pena de morte, nem deixou de perseguir adversários políticos e ativistas dos direitos humanos.

Após dois anos de presidência de Bissau, seguir-se-ão os dois anos da presidência de Malabo. Nenhuma das duas fará bem a quem quer que seja, exceptuando à imagem dos dois presidentes. Que comunidade será esta em 2029? É muito duvidoso que seja melhor do que aquilo que é agora.

A presidência da CPLP sucede-se por ordem alfabética e chegou a vez de a Guiné Equatorial tomar conta dos destinos de uma organização criada em torno de uma língua comum, que este país não fala, à excepção de um crioulo de origem portuguesa, na ilha de Ano Bom, cuja população é alvo de opressão.

A Guiné Equatorial foi aceite com pompa e circunstância como país-membro há mais de uma década, desde a cimeira de Díli, em 2014, e, agora que chegou o momento de presidir à organização, Portugal, Brasil e Timor levantaram sérias dúvidas quanto a essa hipótese.

Em sua substituição, como solução para o embaraço, Lisboa, Brasília e Díli estavam de acordo quanto à entrega da presidência ao Brasil, a partir de 2027, mas a conferência acabou sem consenso.

Se a utilidade da CPLP já era discutível, a organização não servirá para mais nada do que a rotina de mudança de presidência de dois em dois anos, perante dignitários de segunda importância, legitimando práticas autoritárias e anticonstitucionais, quando presidida por alguém com os pergaminhos de Sissoco Embaló ou de Obiang.

O adiamento é triste. A razão, simples. A ditadura de Teodoro Obiang não tem qualquer paralelo entre os nove países e a possibilidade de presidir à CPLP dividiu a organização a meio.

Em suma, os próximos quatro anos só irão acentuar a degradação de uma comunidade que nunca deixou de ser meramente simbólica e que nunca teve peso político suficiente para se impor estrategicamente.

Quer para Sissoco Embaló, quer para Teodoro Obiang, quer para o filho deste, o primeiro na linha de sucessão, será uma oportunidade de recuperar prestígio internacional, se é que ainda pode existir algum. Para a CPLP, será mais um passo no sentido contrário, como se fosse possível perder ainda mais prestígio e razão de existir.

Portugal e Brasil, pela importância que têm na organização, têm agora de lidar com a contradição de ter aceitado a adesão da Guiné Equatorial e, simultaneamente, de porem em causa o direito de Malabo à presidência rotativa.

e a pertença a uma comunidade deste tipo, por mais justos que sejam os seus estatutos, não regenerou o sistema político moçambicano, por exemplo, era uma ingenuidade pensar que isso poderia acontecer com o regime equato-guineense. Mas essa foi uma das ingenuidades mencionadas a favor da aceitação da ditadura de Obiang. É tarde demais para arrependimentos.

O segundo desafio é este. Construída por inspiração e influência portuguesa, a CPLP debate-se com a mudança de ar destes tempos. A facilidade e os expedientes com que se demoliram as barracas em Loures talvez seja mais exequível se os inquilinos, ou infratores, na linguagem conspurcada do Chega, forem estrangeiros, de cor negra e oriundos de São Tomé e Príncipe ou Cabo Verde, como é o caso do bairro do Talude Militar.

A alteração da lei dos estrangeiros, e outra legislação que vier a ser alterada, terá como consequência inevitável quebrar as ligações de proximidade afetiva entre os cidadãos dos países de expressão portuguesa e levar à adopção da reciprocidade legislativa, como o Brasil já anunciou que irá fazer. Acrescente-se que as relações entre os vários países sempre foram mais bilaterais do que multilaterais, pelo que a CPLP nunca foi de grande utilidade diplomática.

Neste cenário, se a utilidade da CPLP já era discutível, a organização não servirá para mais nada do que a rotina de mudança de presidência de dois em dois anos, perante dignitários de segunda importância, legitimando práticas autoritárias e anticonstitucionais quando presidida por alguém com os pergaminhos de Sissoco Embaló ou de Obiang.

Era bom que a comunidade linguística e emocional fosse além da retórica simbólica, mas não é suposto que isso aconteça nos próximos quatro anos. A língua em comum sempre foi mais retórica e simbólica do que política e diplomática. Nos próximos quatro anos, pelo menos, deixem o Camões em paz.

*Amílcar Correia (diretor jornal *Público*, Portugal)

Toda teoRiA tem um LaDO PRático. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br





Costa norte João Farkas

Entre 2021 e 2023, João Farkas percorreu cerca de 2,5 mil km da costa norte do Brasil, do Oiapoque (AP) ao Rio Grande do Norte. Este livro reúne 200 imagens que revelam essas paisagens, os desafios e a beleza de regiões pouco documentadas, além de textos de apoio do autor, posfácio do jornalista, escritor e ex-deputado Fernando Gabeira e artigo da pesquisadora Valdete Cecato.

edições
Sesc

  /edicoessescsp

sescsp.org.br/edicoes